

3

O Espírito de Vida na reflexão da fé

3.1. Introdução

Demonstrar o Espírito Santo em sua manifestação, como *Espírito de Vida*, na perspectiva da fé experimentada pelas Comunidades Cristãs Latino-americanas, é o escopo desse capítulo.

Visto que, a partir da reflexão de José Comblin, o Espírito é experimentado em sua ação, gerando frutos concretos como sinalizadores de mudanças relevantes na vida das pessoas de fé, precisamos afirmar que esta vida gerada no e pelo Espírito Santo é a grande missão da Terceira Pessoa da Trindade, que embora manifeste sua força silenciosamente na história, e nela é experimentado pelo povo empobrecido da América Latina, urge ser compreendido como a força, a manifestação e a presença de Deus.

A reflexão da fé, que chamamos de teologia, desenvolve e sistematiza seu pensamento sobre o Espírito Santo, que aqui neste trabalho acadêmico nomeamos como *Espírito de Vida* a partir dos dados escriturísticos, fundamentando-os como matéria de fé revelada pela Palavra de Deus.

Neste aspecto percorreremos o caminho da pneumatologia de José Comblin desde o seu início, ou seja, pela revelação bíblica, onde os conceitos de Espírito estão relacionados com movimento, sopro, vida, ação de Deus.

Depois, abordaremos, sinteticamente, esse processo de sistematização do conceito *Pneuma Divino* na reflexão da Igreja como presença, força e manifestação da vida criada e desejada por Deus para toda a humanidade. Neste sentido mencionaremos como a teologia nomeia e entende a pessoa do Espírito e sua manifestação no mundo, tendo sempre em vista aquilo que foi priorizado pelo nosso autor: o Espírito de Vida, uma das “mãos do Pai”, que age na história do mundo para transformá-la, produzindo vida e direcionando-a para sua plenitude.

Chamamos a atenção, para deixar bem claro, que o foco deste capítulo reside apenas na menção do conceito que ajuda a explicitar o binômio Espírito/Vida, distanciando-nos dos debates pneumatológicos e de sua teorização mais aprofundada e sistematizada.

Necessário será indicar, neste estudo, também como amostragem, a contribuição de dois clássicos da pneumatologia moderna no pensamento de Comblin, a saber, Yves Congar¹⁶³ e Jürgen Moltmann,¹⁶⁴ cujos conceitos sistematizados sustentam e ajudam na reflexão do nosso autor, para que ele diga com muita convicção: O Espírito Santo, ação de Deus, princípio e suscitador de vida, manifesta-se na humanidade como a presença e a força de Deus para a libertação de tudo que ameaça, sufoca e destrói a vida, sobretudo em suas expressões mais vulneráveis, sinalizadas pelos empobrecidos deste mundo.

3.2. O conceito teológico de *Pneuma Divino* nas Escrituras

A Palavra de Deus nomeia e entende o *Pneuma Divino* como presença, manifestação, *ruah*,¹⁶⁵ sopro, vento, dom, força de Deus e princípio de vida.

O Antigo e o Novo Testamentos, tornam-se o ponto de partida, e muitas vezes, de retomada, e porque não dizer, de chegada para todo tipo de reflexão teológica.

A Revelação do *Pneuma Divino* se dá longa e gradativamente na História da Salvação, e é justamente neste longo processo que nosso autor, José Comblin busca fundamentar e dar sentido as suas afirmações acerca do *Espírito de Vida*,

¹⁶³Yves Congar, dominicano, nascido em 1904, foi um dos grandes teólogos do Concílio Vaticano II e autor de uma obra ecumênica e teológica considerável. Foi elevado à dignidade cardinalícia por João Paulo II em 30 de outubro de 1994. Faleceu em 1995.

¹⁶⁴Jürgen Moltmann é um dos principais teólogos Luteranos contemporâneos. Ele nasceu em 1926 em Hamburgo, Alemanha. Moltmann é um escritor prolífico, centrado integralmente em “olhar a teologia sob um ponto de vista particular: a esperança. Moltmann é o criador da ‘Teologia da Esperança’, em que desenvolve as idéias da realização do Reino, como promessa fundamental de Deus. Ele também destaca muito a importância do mistério da cruz.

¹⁶⁵No AT a palavra *ruah* ocorre cerca de 380 vezes. Em 27 passagens fala-se da “*ruah Yahweh*.” O sentido literal é tão variado, e as épocas de procedência dos escritos são tão diversas, que se torna impossível encontrar um padrão simples para o uso linguístico e formar um conceito para as situações envolvidas. Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida*, p. 29. Congar é mais preciso, aponta 378 utilizações de “*ruah*” no AT, distribuídas em três grupos de importância quantitativa sensivelmente igual. É o vento, o sopro do ar; é a força viva no homem, princípio de vida (respiração), sede do conhecimento e dos sentimentos; é a força de vida de Deus, pela qual Ele age e faz agir, tanto no plano físico como no plano “espiritual”. Cf. CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. Tradução de Euclides Martins Balancin. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. cit., p. 17. O número é ainda aumentado na percepção de Wilf Hildebrandt, que chega a registrar 389 ocorrências de “*ruah*” no AT hebraico. Cf. HILDEBRANDT, Wilf. *Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã & Loyola, 2008, p. 19.

colhendo, através de imagens oferecidas pelas Escrituras elementos suficientes para conceituá-Lo como tal.

3.2.1. No Antigo Testamento: sopro de vida

Nas Escrituras Veterotestamentárias encontramos uma riqueza da pneumatologia bíblica, revelando tradições nas quais se radica a confissão cristã.¹⁶⁶ Todavia, uma definição da essência do Espírito em termos de sua imaterialidade, substancialidade ou realidade hipostática não se encontra no Antigo Testamento (AT).¹⁶⁷ Mesmo que o AT oferecesse possibilidade para tal reflexão, o foco de nosso interesse reside mesmo no que tange ao conceito de “espírito” e sua etapa evolutiva, sempre relido e interpretado pela experiência de fé do NT.

Como diz Wilf Hildebrandt em sua obra “Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento”, é quase tão difícil traçar a fonte dos ventos que percorrem o universo quanto identificar as origens das noções de “espírito” no Antigo Oriente. Quase tão complexo é “traçar do pano de fundo para a pneumatologia de Israel como apresentado no AT.”¹⁶⁸ Talvez seja por essa razão que nosso autor, José Comblin, ao desenvolver sua teologia do Espírito, no conjunto de sua obra tenha se ocupado pouco, dando como pressuposto tal estudo.

Por isso recorremos a Hildebrandt que nos informa que a literatura do AT apresenta uma variedade de conceitos relacionados com as percepções israelitas do Espírito. Para ele, referências ao Espírito de Deus no AT são principalmente com o termo *ruah*.¹⁶⁹

Igualmente recorremos ao pensamento de Hilberath, cuja reflexão aponta

¹⁶⁶ Cf. HILBERATH, Bernd Jocken. *Vida a partir do espírito - Pneumatologia*. In: SCHNEIDER, Theodor (org). *Manual de Dogmática*. Vol. I. Tradução de Luis M. Sander. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 409.

¹⁶⁷ Cf. *Ibidem*, p. 418.

¹⁶⁸ Id. *Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento*, p. 19.

¹⁶⁹ *Das ocorrências de “ruah” no AT aproximadamente 107 referem-se à atividade de Deus no mundo da natureza e na vida humanidade. Nestas passagens, “ruah” é traduzido por “Espírito” e indica a obra e atividade do Espírito de Deus. Outros significados do termo são “vento”, em seu sentido comum de ar em movimento, e “fôlego”. A maioria das referências a “ruah” contudo, têm significado antropológico que pode apontar para as emoções e disposições da humanidade. E mais, “ruah” é usado para expressar o princípio animador de vida em ambos, seres humanos e animais. Cf. Idem.*

essa riqueza na experiência de Israel refletida no vocábulo *ruah*,¹⁷⁰ que assinala um nexos entre Espírito e vida.¹⁷¹ Este vocábulo hebraico *ruah*, conforme Hilberath, designa:

O movimento do vento e da respiração e, com isso, o ar para a respiração ou a atmosfera climática necessários para a vida (o vento refrescante que traz chuva fértil). Ambas as coisas não estão dadas como algo óbvio, e a experiência da ausência mortífera da *ruah* ou das forças destruidoras do vento (do leste) caracterizam a ambivalência da existência humana.¹⁷²

Por outro lado, continua Hilberath, *ruah* designa também uma vitalidade física e psíquica imprevisível, enorme e até violenta, e, além disso, não só as forças atuantes a partir de dentro, mas também as que agem sobre o ser humano a partir de fora.¹⁷³ Só a partir do exílio o termo hebraico passa a significar a respiração tranquila e comum do ser humano. Com isso, agora sua acepção também pode ser traduzida por “espírito”, entendido não tanto como parte, mas como capacidade do ser humano ou sinônimo do “eu”.¹⁷⁴

Hilberath afirma que “é característico das experiências do Espírito no AT o fato de que o emprego profano ou antropológico de *ruah* é muitas vezes enquadrado num contexto teológico de significado.”¹⁷⁵

A transição fluida mostra-se onde o vento aparece como instrumento do agir curativo ou destruidor de Deus e o espírito vital do ser humano é atribuído implícita ou explicitamente a Deus ou a seu Espírito como doador de toda a vida.¹⁷⁶

¹⁷⁰ Moltmann avisa-nos que se quisermos compreender a palavra veterotestamentária “ruah” teremos que esquecer a palavra ocidental “espírito”, pois tanto a palavra grega πνεῦμα como a palavra latina “spiritus” foram formadas em oposição a matéria e corpo, e significam alguma coisa de imaterial. Quer falemos grego ou latim, inglês, alemão, [português e espanhol], com “Espírito de Deus” estamos nos referindo a algo que não possui corpo, que está situado acima de tudo quanto é sensível e terreno. Citando J. Daniélou, quando falamos na “ruah Yahweh,” em hebraico, estamos dizendo: Deus é um furacão, uma tempestade, uma força no corpo e na alma, na humanidade e na natureza. Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida*, p. 29. No mesmo sentido Yves Congar assinala que *Ruah-sopro* não implica esta oposição ao *corpo* ou ao *corpóreo*. Mesmo no grego profano e em seu uso filosófico, *pneuma* expressa a substância viva e geradora difundida nos animais, nas plantas e em todas as coisas. Na Bíblia, a *huah-sopro* não é desencarnada, ela é antes a animação de um corpo. Cf. CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*, p. 18.

¹⁷¹ Cf. HILBERATH, Bernd Jochen. *Vida a partir do Espírito*, p. 409.

¹⁷² Idem.

¹⁷³ Cf. Idem.

¹⁷⁴ Cf. Idem.

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ Cf. Ibidem, p. 410.

O Espírito se manifesta em todo AT como ação de Deus salvando a vida de seu povo, o que resulta afirmar que as primeiras experiências do *Pneuma Divino* dão-se, propriamente, na ação libertadora de *Yahweh* que tira o povo da condição de escravo no Egito, conduzindo-o para a terra prometida (Dt 26). O Espírito é experimentado primeiramente nos líderes e profetas e por conseguinte por si mesmo, em sua ação (Is 63, 11.14).¹⁷⁷

Nesta direção, conclui Comblin, que o Espírito aparece no AT como força divina, cuja personalidade não se evidencia claramente. Todavia, Ele é a força que move os heróis do passado, os juízes, os profetas e até o futuro Messias.¹⁷⁸

Na esteira de Comblin, Hilberath afirma que uma primeira utilização acumulada de *ruah* aparece nos primeiros livros históricos (Jz; 1Sm): ao mesmo passo que o termo hebraico designa um pé de vento, tempestuoso e assustador, autoriza a empreender feitos grandiosos e até mesmo atos violentos.

O Espírito de Deus “impele” a Sansão (Jz 13, 25); “sobrevém” a Otniel (Jz 3, 10) e a Jefté (Jz 11, 29), aos mensageiros de Saul (1Sm 19,20) e por fim ao próprio Saul (1Sm 19,23); Ele “reveste” a Gedeão (Jz 6, 34); “penetra” em Sansão (Jz 14, 6.19; 15, 14) e por fim mais uma vez em Saul (1Sm 10, 6.10; 11, 6). As ações bélicas de salvamento são, em última análise, guerras de *Yahweh*, nas quais sua *ruah* toma iniciativa (Jz 6, 34; 11, 29; 1Sm 11,6).¹⁷⁹

Portanto, Israel vive, a partir da experiência libertadora de *Yahweh*, a certeza de que Deus se compadece da aflição de seu povo, ouvindo o clamor dos oprimidos, e afastando, em momentos de perigo, através de sua *ruah*, a aflição, apoderando-se ela de indivíduos e capacitando o povo na resistência às forças inimigas. Em última análise, é o *Pneuma Divino* que presenteia e anima o carisma dos líderes em favor do povo escolhido.¹⁸⁰

A *ruah* também encontra-se no contexto do profetismo extático, onde não vem apenas sobre indivíduos, mas também sobre grupos inteiros de profetas (1Sm 10, 5-13; 19, 20-24). Mas vale lembrar que a ação do *Pneuma Divino* em colocar

¹⁷⁷ HILBERATH, Bernd Jochen. *Vida a partir do Espírito*, p. 411.

¹⁷⁸ Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 334.

¹⁷⁹ HILBERATH, Bernd Jochen. Loc. cit., p. 411.

¹⁸⁰ Cf. Idem.

as pessoas em êxtase¹⁸¹ permanece uma manifestação passageira (19, 24).¹⁸²

Também no caso dos líderes carismáticos o arrebatamento pela *ruah de Yahweh* permanece um fenômeno único e em todo caso passageiro, como demonstra a vinculação do Espírito à Monarquia e Israel. Se por um lado, em Saul, a *ruah*, através do arrebatamento extático se aproxima e se afasta, causando em seu coração mudança (1Sm 10, 10), por outro, em Davi a concessão do Espírito associa-se à pregação e instrução operadas pelo mesmo Espírito.¹⁸³

A experiência da *ruah* atinge um novo estágio com Davi, não intervindo mais em situações de extrema aflição, mas tornando-se dádiva permanente para o ungido de *Yahweh*. Neste sentido, o discurso sobre o Espírito perde em concretude quando só se fala do rei como o dotado pela *ruah*, deixando em segundo plano a ação direta do Espírito.¹⁸⁴

Hilberath lembra-nos que “tanto no profetismo pré-clássico quanto no profetismo literário de Amós até Jeremias falta quase inteiramente a vocação pela *ruah de Yahweh* ou a invocação dela.”¹⁸⁵ Para este autor, isso se justifica pelo distanciamento dos fenômenos extáticos e pela confrontação com falsos profetas. Mas em Ezequiel, embora a pregação profética ainda não seja designada como ação do Espírito, se esboça, entretanto, uma nova atitude no sentido teológico de *ruah*: ele se sente levantado (Ez 3, 14), arrebatado (Ez 8, 3) pela *ruah* de Deus (Ez 11, 24; 37, 1).¹⁸⁶

Essa realidade da ação da *ruah* como Espírito de Deus torna-se mais frequente na época do exílio, sobretudo nos círculos em torno de Deutero-Isaías e Trito-Isaías, quando *Yahweh* coloca seu Espírito sobre seu servo (Is 42, 1), repousando sobre seu ungido (Is 61, 1). No exílio, “Israel dirige seu olhar não só para frente, para a possibilidade de salvação no futuro, mas para trás: o povo e seus profetas e teólogos lêem a própria história com olhos novos, abertos pela

¹⁸¹ “O êxtase profético não representa um aspecto específico da experiência veterotestamentária do Espírito, o que é sublinhado pela expressão *ruah elohim* (*ruah Yahweh* só se encontra em 1Sm 10,6), que é sempre usada nestes contextos e poderia revelar uma origem cananéia. O que deve ser decisivo para a experiência do Espírito por parte de Israel é o fato de que o êxtase, embora seja produzido pelo Espírito, não está ligado às palavras e ações salvadoras de *Yahweh*”. Cf. *Ibidem*, p. 412.

¹⁸² Cf. HILBERATH, Bernd Jochen. *Vida a partir do Espírito*, p. 412.

¹⁸³ *Idem*.

¹⁸⁴ Cf. *Idem*.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 413.

¹⁸⁶ Cf. *Idem*.

experiência do cativo.”¹⁸⁷ Essa experiência exílica marca um momento decisivo entre a relação Espírito/Profeta e a palavra profética e, assim, como diz Hilberath, a palavra *ruah* adquire contornos mais nítidos como *ruah Yahweh*, tornando possível uma pneumatologia.¹⁸⁸

Para Hilberath a experiência de exílio serviu para que Israel aprofundasse sua experiência de Deus, ampliando-a conotando-a como permanente dependência da *ruah*, doadora de vida, onde *Yahweh* é experimentado e afirmado primeiramente como Criador que age através de sua *ruah* (Gn 1, 2; Ex 14, 21; 15, 8; Sl 33, 6; 104, 9) e também, que o ser humano vive da *ruah* de Deus (Gn 2, 7; 6, 17; 7, 15-22).¹⁸⁹

Por fim, o termo “Espírito Santo” aparece nitidamente no AT em Is 63, 10.11; Sl 51, 13, onde se visa qualificar o Espírito Divino como santo, distinguindo-o do espírito humano, e assim, expressar a soberania intransponível da atuação do Espírito Divino. Hilberath lembra-nos que “embora ocasionalmente a *ruah* pareça um poder que atua quase de modo autônomo, em lugar nenhum ela torna-se grandeza divina própria ao lado de *Yahweh*.”¹⁹⁰ Como no caso das outras figuras mediadoras que aparecem no AT, palavra e sabedoria, *Yahweh* continua sendo sempre o sujeito.

Interessante também perceber no discurso acerca do Espírito Santo, no que tange ao relacionamento entre *ruah* de Deus e seres humanos, significa que o Espírito sai de sua transcendência para livrar e renovar os seres humanos, cuja santidade se direciona à salvação, cura e santificação.¹⁹¹

Concluimos, portanto, que no AT a *ruah* de *Yahweh* é a força criadora de Deus que presenteia e mantém a vida, que atua no cosmo, intervém de maneira salvadora na história e promete vida nova e definitiva para o indivíduo na comunidade.¹⁹²

3.2.2. No Novo Testamento: vida segundo o Espírito

¹⁸⁷ HILBERATH, Bernd Jochen. *Vida a partir do Espírito*, p. 414.

¹⁸⁸ Cf. Idem.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 415.

¹⁹⁰ Ibidem, p. 418.

¹⁹¹ Cf. Idem.

¹⁹² Cf. Ibidem, p. 419.

As comunidades do Novo Testamento (NT) entenderam que esse Espírito, que insuflou vida nas criaturas no Gênesis e que foi prometido pelos profetas, era o mesmo Espírito que desceu sobre Maria na concepção de Jesus (Mt 1, 18; Lc 1, 35), que ungiu Jesus no batismo (Mc 1, 10) e foi derramado sobre a comunidade cristã em Pentecostes (At 2, 4):¹⁹³

ainda que interpretassem o Espírito em termos especificamente cristãos como o Espírito de Cristo, a comunidade cristã primitiva via continuidade entre o Espírito que experimentavam em Cristo e o Sopro de Deus ativo na criação e na história de Israel. Paulo vê esse mesmo Sopro de Vida agora residindo nos cristãos, adotando-os na vida divina e capacitando-os a orar: ‘Abba! Pai!’ (Rm 8,15). João vê esse mesmo Espírito como dado aos cristãos como seu Advogado pessoal, que permanecerá para sempre com eles.¹⁹⁴

Edwards defende que, à luz de suas experiências pós-pascais, os primeiros cristãos identificaram o *Pneuma Divino* como o doador de vida (*Zôopoion*), no sentido daquele que nos leva a uma participação na vida da ressurreição. A palavra “Doador de vida” viria a tornar-se uma afirmação central do Credo niceno-constantinopolitano.¹⁹⁵

Nas Escrituras Neotestamentárias, o Espírito Santo é conceituado como dom por excelência (Lc 24, 49; At 1, 4; 2, 33.38), promessa do Pai e do Filho, presença antecipada do Reino e primícias da ressurreição (At 2, 33; 13, 23,32).¹⁹⁶

O *Pneuma Divino* é também no NT a força de Deus, cujo caráter pessoal aparece mais claramente. Os textos de João, por exemplo, falam nitidamente de Espírito como uma pessoa semelhante ao Filho e capaz de substituir a presença do Filho de Deus. Em João, o Espírito Santo é um sujeito, igual ao Pai e ao Filho. É autor de ações. Não é uma simples força movida pelo Pai ou pelo Filho.¹⁹⁷

No centro da pneumatologia de João encontra-se o Paráclito¹⁹⁸ como Espírito da verdade. Para Hilberath, o fato de que essa concepção absorveu a antiga experiência do nexos existente entre Espírito e vida é mostrado pelo entrelaçamento dos teologúmenos “palavra-verdade-vida-Espírito”, tipicamente

¹⁹³ Cf. EDWARDS, Denis. *Sopro de vida – uma teologia do Espírito Criador*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2007, p. 69.

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ Cf. Ibidem, pp. 69-70.

¹⁹⁶ Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, pp. 218-219.

¹⁹⁷ Cf. Id. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 334.

¹⁹⁸ O termo “Paráclito” vem do grego “para-kaléo” (chamar para qualquer necessidade). Em latim: “advogatus”, de “ad-vocari”, com o verbo “vocari”(chamar). Cf. KLOPPENBURG, Boaventura. *Paráclitos, o Espírito Santo*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 11.

joaninos. O que Paulo diz acerca de Cristo pneumático como ser humano escatológico (1Cor 15, 45), torna-se em João o aspecto característico do Espírito: Ele é *Pneuma zoopoion*, Espírito vivificador. Por isso, portanto, as palavras de Jesus são “Espírito e vida” (63b), porque nelas se comunica ao mesmo tempo o Espírito criador de vida.¹⁹⁹

Comblin vai buscar nos escritos paulinos a afirmação de que “o Espírito é vida” (Rm 8, 10), lembrando que a conceituação do apóstolo baseia-se na contraposição morte-carne, vida-espírito.

A concepção paulina de carne, muito longe de se referir a corpo, é o mundo tal como existe agora, dominado pelo pecado e pela injustiça:

A carne não é o corpo, mas a vida humana destruída ou diminuída por meio de homicídios, injustiças, dominações, roubos, exploração, escravidão, indiferença. A carne é o mundo de injustiça, de pecado e de morte. Este mundo inflige a morte. Não gera a vida, mas morte. Por isso leva à corrupção e não constrói a vida. É a força do Espírito que vai construir a vida, “pois o desejo da carne é a morte, ao passo que o desejo do Espírito é vida e paz (Rm 8, 6).²⁰⁰

Desde o principio o *Pneuma Divino* está presente e faz germinar vida. Havia vida entre os santos, os profetas, os sábios, os pobres do AT e também entre os pagãos que já estavam seguindo o caminho do Espírito, porque Ele já estava presente e ativo.²⁰¹

Do testemunho bíblico resulta um critério para se dizer que vida nova é vida segundo o Espírito: a vida do ser humano e de toda a criação deve-se à atuação vivificadora do Espírito divino. O respeito pelo que tem vida é, por conseguinte, “uma postura profundamente espiritual. A vida e a vivacidade não são factíveis, e também para preservar a vida e conservar a criação os seres humanos dependem do poder vital do Espírito de Deus”.²⁰²

Para Hilberath vida significa: existir no poder do Espírito Criador a partir de Deus e em direção a Ele. A realidade do Espírito e a do amor exibem a mesma estrutura, realizam-se no ser-a-partir-de-si e ser/estar-com-o-outro, ou seja, vida conforme o Espírito é vida em relação.²⁰³

¹⁹⁹ Cf. HILBERATH, Bernd Jochen. *Vida a partir do Espírito*, pp. 439-440.

²⁰⁰ COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*, pp. 161-162.

²⁰¹ Cf. Idem.

²⁰² HILBERATH, Bernd Jochen. *Op.cit.*, p. 489.

²⁰³ Cf. Idem.

Para o NT, esta experiência do *Pneuma Divino* não é algo acessório ou secundário, menos importante do que a revelação do Filho. Ao contrário, a experiência do Espírito é a que está na raiz do NT.²⁰⁴

Com o Espírito que desce sobre os apóstolos chegaram os últimos dias que os profetas anunciaram (Jr 31; Jl 3), a história já chegou a seu fim, já começa a escatologia, o definitivo. Isto não significa que o tempo se detenha e que já não vai acontecer mais nada, mas sim que nada qualitativamente novo ou maior será dito ou feito da parte de Deus, pois a Palavra definitiva de Deus já foi pronunciada em Cristo, que se encarnou no seio de nossa história. O *Pneuma Divino* é que permite que a humanidade compreenda que, com a morte e a Ressurreição de Cristo, tudo foi renovado, e que esta é a chave de compreensão da história. O *Pneuma Divino* não dá início a uma nova era, que substitua a era de Cristo por outra superior: ao contrário, o Espírito leva à consumação a missão de Jesus e seu projeto do Reino.²⁰⁵

Como no AT, o Espírito de Deus é ativo na formação e estabelecimento do Povo de Deus, onde Deus continua chamando ativamente para Si um Povo. Jesus experimenta esta filiação de uma maneira única (Lc 3, 22; Jo 3. 34-36; At 13, 33), mas indica que todos os que crêem podem experimentar a mesma dimensão de filiação (Mt 11, 27).²⁰⁶

No NT, o *Pneuma Divino* está intimamente ligado à dimensão comunitária e eclesial, faz nascer a Igreja, que precisa ser um sinal alternativo que preanuncia a nova humanidade, o Reino de Deus. E esta Igreja é impelida pelo Espírito à missão, à abertura a novos povos e culturas, a uma missão que envolve toda a humanidade. “O Espírito que recebemos nos leva a viver e conduzir uma vida nova, procedendo segundo o Espírito” (Gl 3, 16).²⁰⁷

Assim, concluímos que para o NT a obra do Espírito na vida do cristão efetua renovação e transformação contínuas, e esse processo de transformação envolve um compromisso para viver a vida “no Espírito”.²⁰⁸

²⁰⁴ Cf. BINGEMER, Maria Clara L. & GADINO FELLER, V. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. Valencia/São Paulo: Siquem & Paulinas, 2002, pp. 106-109.

²⁰⁵ Cf. CODINA, Víctor. *Não extingais o Espírito (1Ts 5,19) – Iniciação à Pneumatologia*. São Paulo: Paulinas, 2010, pp. 59-60.

²⁰⁶ Cf. HILDEBRANDT, Wilf. *Teologia do Espírito de Deus no AT*, p. 216.

²⁰⁷ CODINA, Víctor. *Não extingais o Espírito*, pp. 60-61.

²⁰⁸ Cf. HILDEBRANDT, Wilf. *Op.cit.*, p. 220.

3.2.3. Focos divergentes do *Pneuma Divino* nos dois Testamentos

Como acabamos de ver, o *Pneuma Divino* é nomeado pelas Escrituras como a manifestação da força vital de Deus para gerar vida, e assim o reconhecemos como Espírito de Vida, que pela ação de seu sopro conduz à vida no Espírito.

A cosmovisão bíblica sobre a ação do *Pneuma Divino*, na força e na palavra que criam e transformam, na perspectiva dos dois Testamentos é geralmente a mesma. É a mesma cosmovisão na formação do Povo de Deus pelo Espírito, como também em sua transformação e renovação.

Entretanto, esse Espírito de Vida é enfocado diferentemente pelos dois Testamentos, no que diz respeito à Sua ação no mundo bíblico e sua relação com este Povo de Deus, como tão bem o expressou Hildebrandt. Explicitaremos essa divergência, para encerrar nosso passeio pelas páginas bíblicas sobre o conceito de Espírito/Vida. Para este autor, “o foco do AT está sobre a capacitação do Espírito de indivíduos específicos para situações específicas e necessidades particulares”²⁰⁹ enquanto que para o NT, na vida eclesial, focalizam-se as expressões dos dons individuais no grupo.

Para exemplificar os focos de um e de outro dos dois momentos testamentários, Hildebrandt afirma que “papéis de liderança em grupo são raramente retratados pelo AT, e até entre os grupos proféticos o domínio é de indivíduos distintos”, enquanto que, para o NT, “dons, liderança, habilidades e indivíduos devem funcionar juntos para o benefício de todos os membros e sua efetividade na Igreja.”²¹⁰

O ministério em equipe é advogado e praticado entre os líderes do NT desde o início da Igreja primitiva. Embora surjam dificuldades, o Espírito Santo ajuda a resolver questões e disputas espinhosas (At 11, 1-18; 15, 1-21). Assim como os artesãos do Templo requeriam ferramentas para realizar a construção da habitação de Deus, assim também os líderes do NT requerem dons espirituais para realizarem a construção do Povo de Deus (1Cor 12).²¹¹ Outro aspecto interessante onde o foco do *Pneuma* se diferencia é justamente na provisão e direção do Povo que Deus escolheu para Si.

²⁰⁹ HILDEBRANDT, Wilf. *Teologia do Espírito de Deus no AT*, p. 220.

²¹⁰ Idem.

²¹¹ Cf. Ibidem, pp. 220-221.

Como no AT, Deus sustenta e guia seu povo de maneira providencial também na era do NT. Mas o foco, no NT, não está tanto sobre as provisões físicas, mas sobre a herança espiritual. Jesus clarifica a ênfase espiritual do geral para o particular. Embora existam inúmeros exemplos de Jesus e da Igreja sustentando as necessidades físicas do povo (Mt 14, 13-21; Mc 8, 1-9; At 4, 32-37), o foco está na expansão do Evangelho. O diretor e implementador da missão é o Espírito. O Espírito guia Jesus a partir do início de seu ministério (Mt 4, 1). Indivíduos, tais como Simeão, são guiados pelo Espírito (Lc 2, 27), mas o envolvimento predominante do Espírito na expansão do Reino está na sua obra como diretor.²¹²

Embora o foco seja diferente, acentuando a ação, o Espírito de Vida é o mesmo, na criação, na libertação do povo, profecia, na constituição das lideranças carismáticas, na eleição dos mesmos, no anúncio do Messias, no batismo de Jesus, em seu ministério público, em sua Ressurreição-exaltação, em Pentecostes, na formação da Igreja, Novo Povo de Deus. Vejamos agora, como passamos do conceito bíblico de *Pneuma Divino* para sua sistematização teológica.

3.3. O *Pneuma Divino* como manifestação de vida na compreensão teológica

Num primeiro momento, buscaremos mencionar aquilo que se chamou de “o esquecimento do Espírito” na teologia, demonstrando, em seguida a reflexão pontuada no período patrístico, escolástico e moderno, e neles destacando as imagens e figuras utilizadas até à pneumatologia do Vaticano II. A teologia ocidental, sempre reservou à pneumatologia um lugar periférico no seu fazer teológico, pois se esqueceu da teologia do Espírito Santo. Este ficou à margem das grandes discussões teológicas. Assim, a pneumatologia tem sido vista numa relação de subordinação à cristologia.²¹³ Daí se falar em “esquecimento do Espírito.”²¹⁴

²¹² HILDEBRANDT, Wilf. *Teologia do Espírito de Deus no AT*, p. 217.

²¹³ Um artigo muito instigante de Antonio Magalhães vai tratar essa questão acerca do papel marginal ou do total esquecimento do Espírito Santo, pois este surge apenas como “adendo de outros temas considerados mais importantes.” Cf. MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. *O Espírito Santo como tema central da Teologia. Conflitos, perspectivas, desafios*. In: *Via teológica*, p.73; MÜHLEN Heribert. *Una mystica Persona*. Paderborn: Schöning, 1968, p. 629s.

²¹⁴ HILBERATH, Bernd Jochen. *Vida a partir do Espírito*, p. 403.

Nosso autor²¹⁵ trata o assunto como uma não assimilação teológica do *Pneuma Divino* no Ocidente, em contraste com a teologia oriental, que colocou o Espírito Santo no centro da sua reflexão teológica. Para Comblin, a TdL, enquanto crítica da teologia ocidental assumiu também os mesmos limites. A evidência se dá na ênfase cristológica e sua fundamentação na eclesiologia.²¹⁶ Isso significa que a TdL, mesmo como teologia da *praxis*, não reservou ao Espírito o lugar central. Ora, para Comblin, abordar o cristianismo pelo ângulo da *praxis* deve necessariamente conduzir ao Espírito. Este, segundo ele, realiza sua obra no mundo através da ação.²¹⁷

Para Hendrikus Berkhof, a pneumatologia, de fato, foi esquecida pela teologia sistemática ou, conforme sua própria expressão, houve um “descuido” do Espírito por parte dela. Tal descuido é, em parte, de responsabilidade do próprio Espírito, que “distrai constantemente nossa atenção de si mesmo, centrando-a em Jesus Cristo.”²¹⁸

As razões históricas são também responsáveis por esse descuido do Espírito, pois as igrejas oficiais temiam que os “entusiastas” (montanistas, anabatistas, quackers, pentecostais e outros) deflagrassem um rompimento entre o Espírito e o Cristo, ou entre o Espírito e as Escrituras e a Igreja. A preocupação de Berkhof é o elo entre o Espírito e a Igreja, a Palavra, o Cristo.²¹⁹

Esquecimento, lentidão ou necessidade? É verdade que a teologia do Espírito começou seu processo devagar, com algumas poucas tentativas já nos séculos II e III para se explicitar no conjunto de toda a teologia. Denis Edwards entende esta lentidão em razão de os teólogos concentrarem sua atenção na Palavra de Deus como *Logos*, linguagem comum entre os neoplatônicos e estóicos, desenvolvendo sua teologia em torno do tema de Cristo como o *Logos* de Deus.²²⁰ Havia, nestes dois primeiros séculos da era cristã, uma falta de clareza a respeito da natureza distinta da Pessoa e do trabalho do Espírito Santo. “Muitas

²¹⁵ Cf. COMBLIN, José. *O tempo da ação*, pp. 22-23; também COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a liberação*.

²¹⁶ De modo semelhante Antonio Magalhães observa que *uma leitura superficial da teologia latinoamericana nos últimos trinta anos evidenciará que os temas da imagem de Jesus Cristo e a compreensão de igreja definiram os caminhos da reflexão teológica libertadora*. Cf. MAGALHÃES, Antonio Carlos, *O Espírito Santo como tema central da Teologia*, p. 72.

²¹⁷ Cf. COMBLIN, José. *O tempo da ação*, p. 22. Na mesma obra ele afirma: *O Espírito nos é enviado para nos fazer agir*. Cf. p. 53.

²¹⁸ BERKHOF, Hendrikus. *La doctrina del Espíritu Santo*. Buenos Aires: La Aurora, 1969, p. 8.

²¹⁹ Cf. BERKHOF, Hendrikus. *La doctrina del Espíritu Santo*, p. 10.

²²⁰ Cf. EDWARDS, Denis. *Sopro de vida*, p. 71.

vezes havia uma sobreposição na linguagem da Palavra e do Espírito, e em alguns casos, o que se dizia de Cristo podia ser dito do Espírito.”²²¹

Depois que o Concílio de Nicéia²²² esclareceu a divindade da Palavra, a Teologia do Espírito Santo passou para o palco central, tornando sua explicitação no processo criacional mais enfrentada e debatida.

Duas grandes correntes teológicas vão se formar, caracterizando as relações do Espírito e do Filho dentro da teologia trinitária: a latina, mais analítica, e a ortodoxa, mais simbólica.

A tradição latina sobre a Trindade, herdeira de Santo Agostinho²²³ partirá, por um lado, da distinção entre enunciados absolutos como “santo”, “todo-poderoso”, “incriado”, “bondade” *sobre* Deus e, por outro, de enunciados relativos “Pai-Filho”.

Merecem nossa atenção, ainda que de maneira sucinta, ou simples menção, a nomeação e entendimento do *Pneuma Divino* no pensamento teológico de algumas figuras recorrentes, tanto do período patrístico quanto do escolástico, que constituíram essa Tradição latina e grega, como Santo Irineu, Santo Atanásio, São Basílio, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, Anselmo, São Tomás de Aquino e São Boaventura de Bagnoregio.

Santo Irineu (115-190) desenvolveu sua teologia da criação e da salvação mantendo juntos Palavra e Espírito. Como muitos da tradição grega depois dele, Irineu fora inspirado pelo Salmo 33, 6: “pela sua Palavra, o Senhor fez os céus, e todo o exército deles, com o sopro de sua boca.”²²⁴ Para Santo Irineu, Deus cria por meio da Palavra e do Espírito, e cria com suas “duas mãos”, a da Palavra e a do Espírito: “a humanidade tendo sido moldada no início pelas duas ‘mãos de Deus’, a do Filho e a do Espírito, é feita à imagem e semelhança de Deus.”²²⁵ Segundo Santo Irineu, o Pai “planeja e ordena”, o Filho “executa e cria” e o Espírito “nutre e aumenta.”²²⁶ Essa faculdade do *Pneuma Divino*, de nutrir e aumentar, é ação do Espírito de Vida, que gera vida.

²²¹ EDWARDS, Denis. *Sopro de vida*, p. 72.

²²² Cf. Concílio de Nicéia, ano 325.

²²³ Ocidente ante a Revelação da Tri-idade de Deus, (cf. CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*. Barcelona: Herder, 1983, pp. 517-567), especialmente Santo Agostinho (cf. *Ibidem*, pp. 518-533).

²²⁴ Irineu, *Contra as heresias* 1.22.1.9 (ANF 1, 347).

²²⁵ *Ibidem*, 5.28.4 (ANF 1, 557).

²²⁶ *Ibidem*, 4.38.3 (ANF 1, 521-522).

Santo Atanásio (296-377) é testemunha vigorosa de uma teologia do Espírito, afirmando a divindade do Espírito, uno em sua substância (*homoousious*) com Deus.²²⁷ Por causa de sua convicção da unidade entre a Palavra e o Espírito, Atanásio consegue ampliar a doutrina mais claramente articulada do Espírito Criador. O Espírito cria, participando no ato divino único da criação,²²⁸ e criar é suscitar vida, dar vida, como fica melhor explicitado em São Basílio (329-379).

Seguindo a teologia de Santo Atanásio, São Basílio, associa o trabalho do Espírito com o dar a vida, completar e santificar.²²⁹ Em *Sobre o Espírito Santo*, insiste em que o Espírito é um poder criador transcendente em atuação e por meio de tudo o que existe.²³⁰

Perto do fim da vida, ele discute o papel criador do Espírito em uma série de sermões sobre os seis dias da criação, chamada *Hexaemeron*. Nessa reflexão sobre o sopro de Deus que varreu as águas (Gn 1, 2), Basílio revela-nos que compartilha a interpretação que aprendeu com um teólogo sírio: o Espírito de Deus paira sobre a água como um pássaro que cobre os ovos com seu corpo, permitindo que venham à vida por meio do calor que confere.²³¹

Na mesma época e na mesma linha de Santo Atanásio e São Basílio, Santo Ambrósio de Milão (340-397), desenvolveu uma teologia articulada do Espírito criador, insistindo em que o Espírito é o que traz vida a todas as criaturas.²³²

Santo Agostinho (354-430) dedicou-se intensamente a uma teologia do Espírito Santo, que pode ser encontrada em uma obra imensa, *De Trinitate*, concluída no ano de 419. Ele parte do fato de que alguns atributos são comuns ao Pai e ao Filho, que não os opõem nem os distinguem, como bondade e santidade. Agostinho não ousa afirmar que estes atributos bondade e santidade seriam o Espírito Santo. Todavia, para Agostinho, o Pai não é Pai senão do Filho, o Filho não é Filho senão do Pai, mas o Espírito é Espírito dos dois, sendo então, Aquele que é comum ao Pai e ao Filho, a santidade comum deles, o amor deles e sua unidade. Portanto, o Espírito é Espírito e Amor das duas primeiras Pessoas.²³³

Em sua pneumatologia, Santo Agostinho nomeia o Espírito Santo como

²²⁷ Cf. Atanásio, *Carta a Serapião* 1,27.

²²⁸ Cf. *Ibidem*, 1,28.

²²⁹ Cf. Basílio, *Sobre o Espírito Santo* 16.38 (SC 17, 376-378).

²³⁰ Cf. *Ibidem*, 19.49 (SC 17, 418).

²³¹ Cf. EDWARDS, Denis. *Sopro de vida*, p. 76.

²³² Cf. Ambrósio de Milão, *Sobre o Espírito Santo*, 2.5.32.

²³³ Cf. CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*, pp. 108-112.

“Dom de Deus”, uma de suas propriedades ou nomes pessoais, pois, quando Ele nos é dado, nos une a Deus e entre nós pelo mesmo princípio que sela no próprio Deus a unidade do Amor e da Paz.²³⁴ O acento pneumatológico na doutrina de fé encontrou no Concílio Constantinopolitano²³⁵ sua primeira síntese, constituindo na teologia patrística um rico tesouro acerca do *Pneuma Divino*.

Já no século VI,²³⁶ iniciou-se um longo debate entre Oriente e Ocidente em torno do *Filioque*, chegando ao século XI²³⁷ a um desfecho traumático, com a ruptura entre os dois lados.

O drama do cisma talvez tenha contribuído para produzir um silêncio na teologia do Ocidente quanto ao *Pneuma Divino* nos séculos seguintes, até o reflorescimento desta teologia pneumática no século XX.

Para São Boaventura (1221-1274) o Espírito Santo é o amor mútuo, recíproco do Pai e do Filho, pois a perfeição do amor está na reciprocidade. O nome de Amor, atribuído a Deus convém especialmente ao Espírito Santo, já que Ele é a própria reciprocidade.²³⁸

Já Santo Tomás (1225-1274), afirma Comblin, conhece e anuncia diversas vezes a temática do amor-mútuo e do Espírito Santo, união entre o Pai e o Filho, mas não lhe consegue atribuir uma importância primordial, porque na sua metafísica não consegue deduzir o Espírito Santo a partir dessa noção. Apesar das restrições de Santo Tomás, o tema do Espírito amor mútuo fez muito sucesso na teologia moderna e contemporânea, porque tem ressonâncias nas concepções psicológicas do Ocidente moderno.²³⁹

Na Reforma, o tema pneumatológico se deslocou para a temática da inspiração, na discussão sobre a *Sola Scriptura* de Lutero e a defesa católica da Tradição como também inspirada (DS 1501). Do Vaticano I²⁴⁰ ao Vaticano II, o tema pneumatológico reaparece nas discussões sobre a Palavra de Deus, “novamente acerca do debate sobre a inspiração, e na eclesiologia, afirmando a

²³⁴ Cf. CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*, pp. 108-112.

²³⁵ Cf. Concílio de Constantinopla I, ano 381.

²³⁶ Cf. Concílio de Toledo III, ano 589.

²³⁷ Cf. Cisma de 1054 entre Ocidente e Oriente.

²³⁸ Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 218.

²³⁹ Cf. Idem.

²⁴⁰ Cf. Concílio Vaticano I, ano 1869-1870.

presença atuante do Espírito Santo na Igreja como fonte de todas as graças e carismas.²⁴¹

Para Medeiros Silva, esse reflorescimento da teologia do Espírito Santo foi “antecipado na encíclica de Leão XIII,²⁴² com a qual o Papa insistia, além de aspectos doutrinários, na festa solene de Pentecostes.”²⁴³

Medeiros defende que o tema pneumatológico sempre esteve presente na teologia católica, mesmo com o predomínio cristológico e a visibilidade do culto mariano. Para este autor, somente com o acontecimento do Concílio Vaticano II é que a teologia católica recuperou o equilíbrio pneumatológico, mesmo que não oferecesse uma síntese sistemática sobre o mesmo.²⁴⁴

Então, na história da pneumatologia salientou-se um conjunto de categorias, imagens ou metáforas para se compreender o *Pneuma Divino*: dom, vida, verdade, liberdade, amor. Elas podem ser retomadas às afirmações inteiramente bíblicas do *Symbolum niceno-constantinopolitano* de 381: “O Espírito é experimentado na história da salvação como o santo e santificador, que como dom divino é ao mesmo tempo (com o Pai e o Filho) o doador divino.” Por isso “a Igreja confessa em seu Credo (DS 150) como ‘Senhor’, que procede do Pai (e do Filho) e é adorado e glorificado juntamente com o Pai e o Filho.”²⁴⁵

²⁴¹ Cf. MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e Mariologia*, p. 250.

²⁴² Cf. Carta Encíclica *Divinum illud munus*, 1897, de Leão XIII.

²⁴³ MEDEIROS SILVA, João Justino de. Op. cit., p. 246.

²⁴⁴ Cf. *O Concílio Vaticano II foi realizado num clima de acusa de cristomonismo na teologia católica, e foi considerado como concílio eclesiológico, ao mesmo tempo seu ensinamento pode ser qualificado como essencialmente pneumatológico. Caberá, pois, à teologia pós-conciliar ampliar a reflexão, como de fato ocorrerá, alargando, sempre mais nas últimas décadas a teologia do Espírito Santo.* Cf. MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e Mariologia*, pp. 246-247.

²⁴⁵ HILBERATH, Bernd Jochen. *Vida a partir do Espírito*, p. 477.

Para Hilberath, a atuação do *Pneuma Divino* mostra-se em seu poder criador de vida e vivificador. Esse *Espírito de Vida* é o Espírito da verdade, “que falou pelos profetas”. O Espírito testemunha perante o mundo inteiro que em Cristo o Pai presenteia a vida verdadeira. O próprio Espírito vivificador é vida e o próprio advogado ou defensor que testemunha que a verdade é verdade, da mesma maneira que o próprio Espírito que liberta é a liberdade indisponível.²⁴⁶

O Espírito criador de vida, testemunha da verdade e fundamento da liberdade, é o presente do amor divino. Nesta designação eram resumidas, desde Agostinho, as características do Espírito.²⁴⁷

O Espírito Santo é experimentado como Espírito do amor de Deus que cria vida, testemunha a verdade e fundamenta a liberdade.²⁴⁸

Chegando ao século XX, temos três tipos de pensamento pneumatológico. O primeiro é representado por Karl Barth (+1968); o segundo por Paul Tillich (+1965) e o terceiro por Heribert Mühlen (*1927). Os dois primeiros representam o lado protestante da teologia do Espírito, e, o terceiro, o lado católico.

Em Barth, o Espírito Santo é definido como “possibilidade e realidade subjetivas da Revelação,”²⁴⁹ enquanto que para Tillich “a proposição de que Deus é Espírito significa que a vida como espírito é o símbolo oníabrangente da vida divina.”²⁵⁰ O conceito de Tillich, diferentemente de Barth, é a vida, e não a revelação.²⁵¹

Mühlen parte das experiências do Espírito para desenvolver sua pneumatologia. A experiência do Espírito é experiência da mediação que se

²⁴⁶ Cf. HILBERATH, Bernd Jochen. *Vida a partir do Espírito*, p. 477.

²⁴⁷ Cf. Idem.

²⁴⁸ Cf. Ibidem, p. 478.

²⁴⁹ *No Espírito é constituída a auto-revelação de Deus como acontecimento relacional que tem seu ponto de partida em Deus; por sua realidade essa auto-revelação atinge seu destinatário, o ser humano. A partir do Espírito se fundamenta a possibilidade da liberdade humana voltada para Deus. Portanto, Deus é nesta medida Espírito Santo, anteriormente em si mesmo ato de comunhão, de comunicação, amor, dádiva (K. Barth, Dogmatik, vol. I/ 1.494). Cf. HILBERATH, Bernd Jochen. *Vida a partir do Espírito*, p. 474.*

²⁵⁰ TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo / São Paulo: Sinodal & Paulinas, vol. I, 1984, p. 288.

²⁵¹ *Para tal pneumatologia a ‘partir de baixo’ coloca-se especialmente a pergunta pelo relacionamento entre espírito humano e Espírito divino, descrito por Tillich sobretudo a partir do acontecimento do êxtase, que se mostra particularmente na oração. Ao passo que Barth pensa coerentemente em termos de Trindade e teologia da revelação, Tillich pretende manter abertas as afirmações da doutrina clássica da Trindade para expressar em símbolos abrangentes a automanifestação da vida divina para o ser humano (TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo / São Paulo: Sinodal & Paulinas, vol. III, p. 337). Cf. HILBERATH, Bernd Jochen. *Vida a partir do Espírito*, p. 474.*

automeidia e é experiência de Cristo. A relação entre Espírito e Cristo se dá a partir da diferença. A experiência do Espírito é o meio de se chegar ao Cristo.

Mas é no advento do século XX, com o acontecimento do Concílio Ecumênico, que a teologia se abre ao reposicionamento devido e importante da ação e da missão do *Pneuma Divino*.

O Concílio Vaticano II, no dizer de Kloppenburg, presenteou-nos com uma excepcional abundância de textos sobre o *Pneuma Divino*, nada mais nada menos que 258 referências, onde a Terceira Pessoa da Trindade aparece como o santificador (Ef 2, 18), Aquele que oferece vida eterna (Jo 4, 14), que vivifica (Rm 8, 10-11), guia (Jo 16, 13), conduz (Ap 22, 17), entre outras ações bíblicas.²⁵²

Os dados da pneumatologia neotestamentária são fundamentais para o ensinamento do Vaticano II, cujo cristocentrismo fundado nas Escrituras permitiu a assimilação da dimensão pneumatológica. Assim, retornando às fontes bíblicas, o Concílio insistiu na referência cristológica da ação do Espírito, ou seja, na afirmação de que o Espírito é o Espírito de Cristo e sua obra não é outra senão a de Cristo.²⁵³

Mas essas menções, embora numerosas, segundo Congar, não são suficientes para elaborar uma pneumatologia, mas antes poderiam levar apenas a um “polvilhar de Espírito Santo” os textos decididamente pneumatológicos.²⁵⁴

Ainda assim, Congar conseguiu descobrir elementos de verdadeira pneumatologia: a referência cristológica, a função de animador da Igreja, superação de um monoteísmo pré-trinitário, valorização dos dons e carismas na Igreja e revalorização das Igrejas locais ou particulares.²⁵⁵

Vejam, a seguir, de maneira sucinta, a contribuição de Yves Congar e de Jürgen Moltmann, como pensamento teológico com acentos pneumatológicos que influenciaram nosso autor.

²⁵² Cf. KLOPPENBURG, Boaventura. *Paráketos, o Espírito Santo*, p. 46.

²⁵³ Cf. MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e mariologia*, p. 250.

²⁵⁴ Cf. CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*, p. 218.

²⁵⁵ Cf. *Ibidem*, pp. 218-224.

3.3.1. O Espírito de Vida na pneumatologia de Yves Congar

Yves Congar²⁵⁶ foi testemunha privilegiada das grandes transformações que construíram o século XX. Bem cedo abraçou o desafio de refletir também teologicamente a realidade que o cercava. Foi muito incompreendido, mas depois de múltiplos dissabores acabou sendo reconhecido em muitas intuições, prestando uma decisiva contribuição ao Concílio Vaticano II, como perito e redator. Como teólogo múltiplo, Congar abordou a problemática da vocação laical, desenvolveu o conceito de eclesiologia de comunhão e, instado por desafios como o da Renovação Carismática Católica, mas não só, lançou-se à reflexão Pneumatológica,²⁵⁷ que nos interessa nesta pesquisa.

Importante lembrar aqui que para Congar as missões de Cristo e do Espírito se unem para instituir e dar vida à Igreja. Com isso, cristologia e pneumatologia se unem na eclesiologia. Assim, a Igreja é, ao mesmo tempo, instituição de Cristo (fundador histórico) e acontecimento de graça porque surgiu da encarnação e da vida histórica de Jesus e também de Pentecostes. Portanto, sua atividade será *anámnese* (fatos fundacionais) e *epíclise* (vida promovida pelo Espírito). E sua estrutura será ao mesmo tempo hierárquica e comunitária.²⁵⁸

Deste modo, Congar trabalha a reflexão sobre o Espírito sempre a partir da realidade comunitária da Igreja, articulando Cristo e Espírito como duas missões que se convergem para um mesmo fim. Este será o gancho para a reflexão de Comblin ao tratar a manifestação do *Pneuma Divino* como uma das mãos do Pai.

De início, nas palavras reflexivas de Yves Congar “o Espírito é sem rosto, quase sem nome próprio. É o vento que não se vê, mas que agita qualquer coisa.

²⁵⁶ No primeiro volume, *O Espírito na Economia*, depois de uma preciosa nota introdutória sobre a Experiência, que figura entre os textos teológicos mais lúcidos sobre o tema, Congar estuda, a manifestação do Espírito tal como se deu e foi entendida nas Escrituras e na história do cristianismo, com seus altos e baixos, até Vaticano II. O segundo volume, *Ele é o Senhor e dá a vida*, depois de analisar a ação do Espírito como alma da Igreja e sopro divino que se faz sentir na vida em nossas vidas pessoais, Congar elabora o primeiro estudo sistemático da Renovação Carismática e conclui o volume mostrando a presença atuante do Espírito em todo o mundo. O terceiro volume, *O rio que corre no Oriente e no Ocidente*, contém uma importante análise das doutrinas oriental e ocidental sobre a Trindade, na base da maneira de entender a ação do Espírito nos sacramentos.

²⁵⁷ Cf. FAGUNDES, Claudiberto. *A pneumatologia cristológica de Yves Congar e a cristologia do pro-seguimento com Espírito de Jon Sobrino: uma proposta para um mundo desigual e plural*. Dissertação de Mestrado – PUC-RS, 2006. p. 10.

²⁵⁸ Cf. FERNÁNDEZ, Benito Mendes. *La recuperación de la eclesiologia pneumatologica en Yves Congar*, in: WAGNER, H et ali. *Ecclesia Tertii Millennii Advenientis*, p. 436.

Nós o conhecemos pelos seus efeitos. Ele é Aquele que é dado para produzir tudo aquilo que se poderia resumir como comunidade dos Filhos de Deus, o corpo universal do Filho único feito homem. Ele é, por excelência, o Dom”.²⁵⁹

Também Congar diz que *ruah* pode ser o sopro de Deus que comunica vida (Ex 15, 8-10; Sl 33, 6); por consequência, a respiração do homem, princípio e sinal de vida (Gn 7, 22; Sl 104, 29-30). Continua Congar, “nós dizemos ‘tomar fôlego’, ‘expirar’. É também o sopro, a animação, que faz realizar uma obra, sobretudo se é, de certo modo, obra de Deus.” É o caso de Besalel quanto à mobília do santuário (Ex 31, 3s). “É evidentemente ainda mais verdadeiro se se trata de conduzir o Povo de Deus”.²⁶⁰

Segundo Congar, o “sopro-espírito” recebe várias qualificações, conforme o efeito dos quais Ele é princípio. “É assim que a Bíblia fala de espírito de entendimento (Ex 28, 3), de sabedoria (Dt 31, 3; 34; 9 35, 31), mas também de ciúme (Nm 5, 14).”²⁶¹

Em Congar, o segredo da pneumatologia é a sua vinculação estreita com a realização do desígnio de Deus no Cristo Jesus, salvaguardando sempre a santificação como participação antecipada na vida de Deus, quer na intimidade da oração, quer na transformação da sociedade segundo o Evangelho.

Para Fagundes, “ao analisar hoje muitas das contribuições de Congar para a reflexão pneumatológica, o leitor desavisado poderia achar algumas posições óbvias e redundantes.”²⁶²

Evitar e corrigir tal impressão é manter um olhar sincronizado com a época em que se situa o estudo do teólogo dominicano, e o estado da questão nos anos precedentes e imediatamente posteriores ao Concílio Vaticano II.

Mesmo nos inícios da década de 80 (quando veio a público seu maior livro sobre o Espírito Santo), sobretudo devido à Renovação Carismática Católica que tomava enorme força em muitos círculos, vários pontos esclarecidos pelos movimentos renovadores do pré-concílio precisaram ser revisitados. Dentre eles a justa colocação da Pneumatologia em relação com a Cristologia e a Teologia Trinitária. Com esse pressuposto básico, Yves Congar abre a terceira parte de seu maior estudo sobre o Espírito Santo (CONGAR, Yves. *El Espíritu Santo*. Barcelona: Herder, 1991. 2ª ed.) com o sugestivo título “O Espírito Santo na Tri-Unidade

²⁵⁹ CONGAR, Yves. *O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente*. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 198.

²⁶⁰ Id. *Revelação e experiência do Espírito*, p. 19.

²⁶¹ Idem.

²⁶² FAGUNDES, Claudiberto. *A pneumatologia cristológica de Yves Congar*, p. 13.

Divina” que constitui ao mesmo tempo um programa e uma necessidade para a compreensão da ação do Espírito Santo. Partindo da revelação bíblica e da liturgia, constata, como princípio, que os textos referentes ao Espírito e ao Filho pertencem a um mesmo plano, o da economia.²⁶³

Congar recorda as principais imagens do Espírito apresentadas pela Escritura: sopro, ar, vento, água, fogo, línguas de fogo, pomba, unção, dedo de Deus... Outras ainda como selo, amor, dom, paz, sem esquecer aquelas utilizadas pela liturgia no hino *Veni Creator*.²⁶⁴

Comblin encontra na Teologia do Espírito de Yves Congar a melhor definição do Espírito como dom, a partir das Escrituras. Percorrendo as páginas evangélicas de Lucas (Lc 24, 49), continuadas em Atos dos Apóstolos (At 1, 4; 2, 33.38) e pela literatura paulina (Gl 3, 14; Ef 1, 13; 2Tm 1, 1), Congar afirma que “o Espírito é dom por excelência porque será, Ele já é, como penhor, o agente desse acabamento da criação, através de uma nova criação cuja primícia está na ressurreição-glorificação de Jesus Cristo.”²⁶⁵

“Pelo dom do Espírito, consequência da exaltação de Jesus (At 2, 33), os tempos escatológicos foram inaugurados; devem ir até à salvação total, ao Reino,” completando e levando à perfeição toda a criação.

Ao refletir sobre o Espírito Santo, colhendo nas Escrituras e na Tradição, as imagens de dom e amor, Congar contribui para a conceituação do *Pneuma Divino* como Fonte de Vida. Vida que também é o conceito explorado por Moltmann, e que muito interessa à nossa pesquisa por ser, segundo Comblin, a finalidade última da libertação no Espírito.

²⁶³ FAGUNDES, Claudiberto. *A pneumatologia cristológica de Yves Congar*, pp. 13-14.

²⁶⁴ *Veni Creator Spiritus/ Mentis tuorum visita/ Imple superna gratia/ Quae tu creasti pectora” e os trechos “Qui diceris Paraclitus/ Altissimi donum Dei/ Fons vivus, ignis, caritas/ et spiritalis unctio./ Tu septiformis munere/ Digitus paternae dexteræ/ Tu rite promissum Patris/ Sermone ditans guttura.* (cf. LITURGIA HORARUM, Vol. II: *Tempus Quadragesimæ, Sacrum Triduum Paschale, Tempus Paschale*, p. 834.) O hino inteiro poderia ser considerado como um desfile de imagens mais lembradas, e portanto, evidenciadas pela tradição a respeito do Espírito. Congar refere o texto e sua origem histórica (também do *Veni, Sancte Spiritus*: CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, pp. 138-142). Por fim, um estudo baseado nessa Sequência pode ser encontrado em CANTALAMESSA, R. *O canto do Espírito Santo: meditações sobre o Veni Creator*. Petrópolis: Vozes, 1998.

²⁶⁵ Cf. CONGAR, Yves. *O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente*, p. 198.

3.3.2. “O Espírito da Vida” na pneumatologia de Jürgen Moltmann

Segundo a reflexão de Josias da Costa Junior²⁶⁶ em sua Tese Doutoral, a reflexão teológica, em chave pneumatológica de Moltmann, revelou as limitações dos métodos teológicos sobre o Espírito presentes na modernidade. Já no século XIX, a problematização coube ao espiritualismo liberal, que entendeu o ‘espírito’ liberal como extensão do espírito humano, sem o cristocentrismo.

Nesta pneumatologia, que tem como ponto de partida a experiência e a teologia do Espírito Santo, não existe tensão entre experiência de vida e experiência do Espírito, pois as experiências da vida são experiências de Deus e nesta unidade de experiências revela-se o “Espírito da vida”. A vida é, portanto, o interesse de Moltmann. Ela deve ser afirmada; isto significa que sua pneumatologia é uma *praxis*, pois quer despertar o povo no primeiro mundo da apatia e da falta de sentido.²⁶⁷

O Espírito da Vida tem como missão promover a vida. Foi por este motivo que Deus nos enviou o seu Espírito, para promover e preservar a vida. Dentro desta perspectiva, a missão não é a expansão da fé cristã a partir do proselitismo, mas a paixão pelo Reino de Deus.

O Espírito Santo envolve a vida e sua renovação. J. Moltmann faz questão de ficar com o termo hebraico para espírito, *ruah*, fôlego da vida de Deus. Daí a sua concepção de que o Espírito Santo não pode ficar enclausurado na economia da salvação, mas também numa economia ecológica da salvação. A sua pneumatologia parte de que a criação é obra de Deus e que, portanto, deve-se entender o Espírito Santo no mundo criado, portanto, é legítimo dizer que J. Moltmann tem uma pneumatologia ecológica. A vida é amada por Deus e o seu Espírito está em toda a sua criação, sendo assim a Igreja deve engajar-se em promover a vida. Para J. Moltmann, o Espírito Santo não está limitado à Igreja e

²⁶⁶ Cf. COSTA JUNIOR, Josias. *O Espírito criador*, capítulo IV.

²⁶⁷ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *A fonte da vida*. São Paulo: Loyola, 2002, p.27.

seu horário de culto, Ele pertence ao mundo, e na teologia latino-americana, a igreja torna-se sinal da ação salvífica do Espírito Santo no mundo.²⁶⁸

Vale salientar ainda que a pneumatologia moltmanniana se mostra atual e se apresenta como superação aos métodos que circunscrevem a ação do Espírito aos limitantes espaços eclesiais. Tais métodos enfatizaram a relação pneumatologia/eclesiologia (como no caso de Yves Congar), ou os que entendem a ação do Espírito apenas como uma confirmação totalmente subjetiva do processo revelador objetivo de Jesus, na medida em que sublinharam a relação subserviente pneumatologia/cristologia (como é o caso de Karl Barth).

Também é digno de nota o fato de que sua pneumatologia é trinitária e está concernida em um projeto que significa superar o esquecimento do Espírito, pois Moltmann, nas últimas décadas, tem colocado a pneumatologia no centro do seu labor teológico. Com razão, Richard Bauckham²⁶⁹ registra que isto decorre da sua doutrina trinitária, na qual as três pessoas divinas se relacionam reciprocamente.

Moltmann recorre ao clássico ensino trinitário da igreja oriental. Ele não aceita o monofisismo extremado ocidental e apresenta uma alternativa trinitária com integração das doutrinas cristológica e soteriológica.

Em sua obra *O Espírito da vida*, ele empreende uma pneumatologia trinitária a partir da experiência e da teologia do Espírito Santo. Partir da experiência significa ultrapassar os limites da teologia da igreja, que é a “teologia dos pastores e dos padres”,²⁷⁰ ou seja, é a teologia da revelação. Partir da *experiência* significa fazer “teologia de leigos”,²⁷¹ e isso implica privilegiar e ampliar os espaços onde a vida se faz e refaz, se produz e reproduz, que significa estender os espaços de comunhão com o Espírito.

Moltmann realça a relativa autonomia do Espírito, ao destacar que Ele é a *fonte da vida*. A vida criada, desenvolvida, renovada e a vida eterna de todas as

²⁶⁸ Jürgen Moltmann entende o Espírito em termos paulinos, como o Espírito que ressuscitou Jesus e que mora em quem crê no Cristo e no seu futuro. Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança, estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Helder, 1971, p. 251. É o Espírito escatológico, a vida da nova criação já presente na experiência da Igreja. Ele conjuga Espírito, sofrimento e participação na missão da Igreja e amor de Jesus Cristo. O que é de grande importância a ser ressaltado nessa obra clássica para o entendimento do desenvolvimento pneumatológico posterior é a localização histórica do Espírito entre a ressurreição de Jesus e o futuro de Cristo. Para Moltmann, o Espírito surge de um evento histórico e revela perigos e possibilidades escatológicos. Cf. *Ibidem*, p. 252.

²⁶⁹ Cf. BAUKHAM, Richard. *The theology of Jürgen Moltmann*. Edinburgh: T&T Clark, 1995, p. 21.

²⁷⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida*, p. 29.

²⁷¹ *Idem*.

criaturas. Assim, a *Ordo Salutis* está voltada para o *conceito da vida*, por isso ele fala de libertação e justificação para a vida, regeneração da vida, carismas da vida e experiência mística da vida.

Em *A comunhão e a pessoa do Espírito*,²⁷² Moltmann vai afirmar que a vida deve ser entendida como relações, sob pena de não ser vida. Relação entre os seres humanos e a estes com as demais criaturas. Este modelo ele extrai da própria Trindade, que é uma comunidade ou, conforme afirma Leonardo Boff, “é a melhor comunidade”.²⁷³ A comunidade interna da Trindade acolhe toda a criação, com vistas à vida eterna. A meta do Espírito, portanto, é a comunhão. Tal comunhão não se limita aos espaços eclesiais, antes os supera. A partir do modelo de comunhão trinitária é possível pensar em comunhão entre os gêneros e entre as gerações.

O binômio Espírito/Vida servirá para José Comblin traçar sua pneumatologia, na qual o Espírito Santo é Vida e toda a Sua ação tem como última instância a própria vida: libertação para vida, palavra que gera vida, testemunho de vida, comunhão de vida. Neste sentido, como veremos a seguir, o Espírito da Vida, no conceito de Moltmann, de Amor e Dom, de Yves Congar, é o Espírito de vida e libertação para a vida, ação de Deus na história humana, no entendimento de José Comblin.

3.3.3. A conceituação de Espírito de Vida na ótica de Comblin.

O projeto teológico sobre o *Pneuma Divino*, de José Comblin, foi concebido, num período de 25 anos, acentuando aspectos, que segundo ele, foram quase ignorados pela teologia, que dedicou-se primeiramente às relações intratrinitárias, e, por conseguinte à presença do Espírito Santo no sistema institucional da Igreja.²⁷⁴

²⁷² Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida*, pp. 207-287.

²⁷³ Assim expressa o título da sua obra, que é uma exposição em linguagem mais simples de “A Trindade e a sociedade”, na qual ele é muito devedor de Moltmann. Cf. BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*.

²⁷⁴ Cf. COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*, p. 7.

Para entender como nosso autor compreende o Espírito Santo, buscamos, primeiramente, no esboço de seu pensamento teológico, sua concepção sobre Deus.

Em toda a sua obra, Deus aparece, sobretudo, como ação contínua de libertação, de construção e transformação da realidade.²⁷⁵ Para Comblin, Deus é ação! E a partir dessa expressão explicita sua convicção sobre Deus, elaborando e orientando em torno dessa expressão sua reflexão teológica.²⁷⁶

Desta maneira, valendo-se do NT, Comblin pode afirmar que a mensagem central do Evangelho é o anúncio das duas Missões que são as “duas mãos” do Pai.

Arnaldo dos Santos ajuda-nos a afirmar que o objetivo de Comblin, em torno da expressão “Deus é ação”, é o de mostrar a dinamicidade da ação de Deus e a sua continuidade na história, bem como o conteúdo desta ação que é a libertação da humanidade da escravidão do pecado.²⁷⁷

A expressão de Comblin de que “Deus é ação” tem fundamentação bíblica, cujos textos, impregnados desta ação divina, anunciam que Deus age libertando, construindo e transformando a humanidade.²⁷⁸ Os textos veterotestamentários mostram a libertação operada por Deus em favor de seu povo, mas não demonstra como Deus age realmente, porque, segundo Comblin, as narrações, muitas vezes, são movidas pelo sentimento religioso, desejos e ilusões populares. Nestas narrações persistem duas ideologias complementares: a ideologia do Deus guerreiro e vencedor e a ideologia do milagre e da vitória.²⁷⁹

Por outro lado, no “NT dá-se a revelação de uma nova forma da ação divina, que contraria as ideologias presentes na leitura do AT: Deus age através da vida, morte e ressurreição de seu Filho. Deus age no derramamento de seu Espírito.”²⁸⁰

Para Comblin, Jesus, por sua vida e mensagem, desmente as ideologias religiosas da ação libertadora de Deus pela via do milagre, da vitória e da guerra, pois recusou valer-se de milagre para salvar o povo. “E é na cruz que essa recusa de Jesus se desenha mais claramente.”²⁸¹

²⁷⁵ Cf. COMBLIN, José. *O tempo da ação*, p. 11.

²⁷⁶ Cf. Idem.

²⁷⁷ Cf. SANTOS, José Arnaldo Juliano dos. *O Espírito Santo*, pp. 7-8.

²⁷⁸ Cf. COMBLIN, José. Loc.cit.

²⁷⁹ Cf. Ibidem, pp. 47-48.

²⁸⁰ Idem.

²⁸¹ Ibidem,, pp. 47-48.

Por outro lado, de Pentecostes aos nossos dias, a presença e ação do Espírito desmentem essas ideologias, através de sua discricção e pedagogia na própria história.

Por fim, Comblin desenvolve sua teologia da ação de Deus demonstrando que essa ação comporta duas missões, a do Filho e a do Espírito Santo, de onde toda a economia da salvação procede, constituindo os dois princípios da ação divina.²⁸²

É neste contexto e a partir dessa compreensão do agir de Deus que Comblin nomeia e conceitua o *Pneuma Divino*: o Espírito Santo é ação. É uma das mãos de Deus Pai agindo na história para libertar toda a humanidade da força do pecado.

Comblin reconhece a complexidade abarcada pela tese que sustenta, de que o Espírito Santo é o agir de Deus, e o faz sempre em sintonia com as Escrituras e com a Tradição de que este “agir de Deus” é Deus mesmo agindo. Neste sentido, o conceito de Espírito trabalhado por Comblin partirá sempre da afirmação dogmática de que o Espírito é uma Pessoa Divina, “Deus verdadeiro de Deus verdadeiro” e no aspecto da missão, o Espírito constitui com o Filho a ação do Pai.

Reconhece ainda que a Tradição, tanto Oriental quanto Ocidental, desenvolveu uma enorme reflexão temática sobre a conceituação do *Pneuma Divino*, e destacaria apenas os temas mais relevantes para as comunidades latino-americanas, ou seja, os conceitos de Espírito como amor, dom e vida.²⁸³

Em sua obra “O Espírito Santo e a libertação”, partindo de Santo Agostinho, que afirma que “Deus é amor”, e portanto o “Espírito Santo é amor”, por ser a comunhão substancial do Pai e do Filho, e por receber todos os nomes atribuídos ao Pai e ao Filho, Comblin não se ocupa em desenvolver a reflexão, mas tão somente acená-la como argumento dos Padres da Igreja. Na sequência, tratando do século XII, entende que a teologia do Espírito como amor é apontada como segunda etapa de reflexão, realizada na abadia de São Vitor. Nesta reflexão, “em Deus está a maior expressão de perfeição, onde amar outra pessoa é a excelência deste amor.” Neste sentido, “o Filho precisa do Espírito Santo para sentir que o Espírito recebe o mesmo amor.”²⁸⁴

²⁸² Cf. COMBLIN, José. *O tempo da ação*, pp. 47-48.

²⁸³ Cf. Id. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 217.

²⁸⁴ Idem.

Comblin, fundamentado no NT, reconhece o Espírito como dom por excelência, Aquele que é prometido pelo Pai e pelo Filho (Lc 24, 49; At 1, 4; 2, 33.38). O Espírito é a presença do Reino de Deus antecipado, as primícias da Ressurreição (At 2, 33; 13, 23.32; 26, 6).

O Espírito como dom faz parte do pensamento de Santo Agostinho, dando ao Espírito o nome próprio de Dom. Citando Congar, Comblin diz que “Para Agostinho os doadores são o Pai e o Filho. O Dom é o Espírito Santo, e o que é dado pelo Espírito é o próprio Deus, tornado Dom.”²⁸⁵

Para Santo Tomás, o Espírito Santo é a abertura de Deus para fora de si mesmo. O movimento que Deus é, tende a uma expansão cada vez maior. Todo dom é gratuito. O dom que Deus faz de si mesmo às criaturas concorda perfeitamente com a Sua natureza de expansão, dom de si. O próprio Espírito mostra que Deus é projeção de si mesmo para fora.²⁸⁶

Para a Tradição Oriental, lembra-nos Comblin, o conceito de Vida é o nome próprio do Espírito. “São João Crisóstomo já dizia que o Espírito Santo é vida porque a Igreja não poderia viver sem Ele.”²⁸⁷ E, nesse sentido, a comunidade somente começa a viver pela Vida que infunde nela o Espírito Santo. O Espírito é a fonte da Igreja, dando existência e fecundidade. Os três símbolos bíblicos fundamentais que se aplicam ao Espírito, o sopro, a água e o fogo, referem-se todos à vida.²⁸⁸

A imagem “vida”, atribuída ao Espírito Santo, é a mais utilizada pelo nosso autor em sua pneumatologia, de onde parte para nomear o *Pneuma Divino* em Si próprio. Assim, Comblin nos lembra que o “Espírito não aparece na forma de uma pessoa, e nem o nome d’Ele é nome de pessoa, mas numa forma de poder, o poder de Deus.”²⁸⁹

²⁸⁵ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 219.

²⁸⁶ Cf. Idem.

²⁸⁷ Ibidem, p. 220.

²⁸⁸ Cf. Ibidem, p. 217.

²⁸⁹ Id. *O Espírito de Vida*, p. 406.

Este conceito de “poder de Deus” ou “Deus de poder”, poder, força, energia, sugere, segundo Comblin, já na Igreja Primitiva, manifestações excepcionais do Espírito.²⁹⁰

O Espírito é um poder: sua presença manifesta-se de modo visível, quer por sinais na realidade física, quer por sinais psicológicos,²⁹¹ poder total, poder criador de Deus e, mais do que poder criador, poder integrante de Deus, cujo nível de ser tem que ser equiparado ao nível de Jesus, Filho de Deus. Mas em que consiste este poder? Qual é a natureza desse poder?

Comblin insiste em que a resposta consiste justamente na revelação do Espírito, que se manifesta ao longo de toda a nossa história.²⁹² Compreendendo esta história, compreende-se o poder de Deus.

Nesta compreensão, Comblin parte pedagogicamente daquilo que chama de posição central, a *kenosis*²⁹³ do *Pneuma Divino*. Esse “esvaziamento” do Espírito se estende pelos séculos, onde podemos dizer que vivemos a experiência da *kenosis* do *Pneuma Divino*.²⁹⁴

Esta *kenosis* do *Pneuma Divino* consiste em penetrar dentro da história do gênero humano inteiro, onde o poder divino se esconde sob as forças e os fatores que movem a própria história. Neste sentido, a ação do *Pneuma Divino* não se dá habitualmente por meio de milagres, forçando a história, mas antes, esconde-se nela até o ponto de se confundir com ela. O *Pneuma Divino* infiltra-se, no

²⁹⁰ Cf. *O mago Simão ficou impressionado e procurou comprar esse poder*. “Observando os grandes milagres e prodígios, que se realizavam, ficou estupefato” (At 8,13). *Um dia “vendo Simão que pela imposição das mãos dos apóstolos, se conferia o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro dizendo: Dai-me também esse poder, para que aquele a quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo”* (At 8, 18s). *Os fariseus ficaram estupefatos pelos milagres e também preocupados. Procuraram saber a origem desse poder: queriam identificar o poder. Simão ficou impressionado não somente pelos milagres, mas também pelos fenômenos extáticos que acompanhavam a imposição das mãos*. Cf. *Ibidem*, pp. 406-407.

²⁹¹ *Os apóstolos não negam essas manifestações sensíveis: não negam que o Espírito Santo seja um poder, uma energia capaz de produzir efeitos visíveis, mas não se trata apenas de uma manifestação de um poder de fazer maravilhas físicas ou psicológicas. O Espírito, que também assim se manifesta, é muito mais do que isto. Trata-se da efusão do Espírito de Deus prometido como dom final da história da salvação, o termo e a consagração final de Israel, explica Pedro no dia de Pentecostes*. Cf. *Ibidem*, pp. 407-408.

²⁹² *Assim como a vida de Jesus foi uma revelação, um “desvelamento” da realidade do Filho de Deus numa linguagem humana, assim a história do Povo de Deus é a longa revelação do Espírito, o “desvelamento” do poder de Deus*. Cf. *Ibidem*, p. 409.

²⁹³ *O termo “Kenosis” foi usado por Paulo na Epístola aos Filipenses para exprimir a “humilhação”, o “aniquilamento”, isto é, a “redução a nada” de Jesus durante a sua vida mortal. Certas traduções usam também a palavra “esvaziamento”* (Fl 2, 6-8). Cf. *Idem*.

²⁹⁴ Cf. *Ibidem*, p. 410.

decorrer da história, aceita adaptar o seu ritmo de acordo com o ritmo dela, questão de que falaremos mais adiante.

Para Comblin, o *Pneuma Divino* procede de acordo com esse ritmo, e age vagarosamente, confundindo-se com o processo habitual a tal ponto que sua presença pode não ser percebida, pois é uma presença discreta, agindo e movendo homens e estruturas de modo imperceptível, somente detectável com o decorrer dos séculos e das civilizações.²⁹⁵

Assim, o *Pneuma Divino* não intervém para criar novas forças ou introduzir fatores novos no decorrer dos processos históricos, mas para “despertar, estimular e apoiar os fatores naturais, as energias humanas, para que o ser humano ponha na história toda a sua energia, dirigindo-a para fins realmente humanos”.²⁹⁶

O *Pneuma Divino* se apresenta na história não por meio dos canais ou das expressões dos poderes²⁹⁷ estabelecidos, e sim fora deles. “Ele não acrescenta uma nova forma de poder: simplesmente manifesta sua presença naquilo que não tem poder, fazendo surgir um novo poder, singular, apoiado não numa força, mas antes numa fraqueza (Mt 10, 19-20).”²⁹⁸

Comblin está convicto de que o poder do *Pneuma Divino* não consegue nada daquilo que se espera dum poder; não consegue defender o homem, mas por outro lado é suficientemente forte para que o testemunho seja proferido, pois sua força consiste na palavra pública, profética.²⁹⁹

²⁹⁵ Cf. COMBLIN, José. *O Espírito de Vida*, p. 412.

²⁹⁶ Idem.

²⁹⁷ Comblin afirma que entre todas as forças, o Espírito despreza justamente todas aquelas às quais damos habitualmente o nome de poder, porque elas permitem impor a vontade do “eu” sobre o “nós”, pois poder é essa capacidade de impor uma vontade aos homens: poder político, que é capacidade de lograr a integração das vontades individuais e grupais dentro das estruturas de uma sociedade; poder militar, que é capacidade de impor a subordinação ao poder político por meio do medo à violência física; poder econômico que é a capacidade de orientar as forças produtivas de acordo com os planos sociais; poder cultural que é capacidade de orientar as atividades dos homens por meio da pressão das idéias, influenciando nas forças psicológicas que movem os homens. Cf. Ibidem, pp. 412-413.

²⁹⁸ Ibidem, pp. 413-414.

²⁹⁹ Porém, esta palavra inspirada pelo Espírito não é a própria defesa do acusado. Não se trata de uma palavra de um advogado capaz de salvar o seu cliente da condenação. Neste sentido, o testemunho do apóstolo não o salva da morte, nem pretende realizar este efeito. A testemunha não procura salvar-se a si própria, nem se trata de convencer os seus juízes, mas antes, o testemunho tem por finalidade a expansão do Reino de Deus. A testemunha morrerá, mas antes permanecerá, caminhará e atingirá outras pessoas que se tornarão novas testemunhas. A palavra do Espírito não é forte para defender os seus portadores e sim para manter a continuidade do testemunho. Cf. COMBLIN, José. *O Espírito de Vida*, pp. 415-416.

A aceitação do *Pneuma Divino*, de estar presente na história simplesmente na condição de palavra profética, é, segundo Comblin, a etapa definitiva de sua *kenosis*, onde o *Pneuma Divino* reduzido a uma pura palavra é realmente o Espírito esvaziado e entregue às forças da história, com o menor possível de todos os apoios humanos.³⁰⁰

Nas palavras de Paulo apóstolo, “o esvaziamento” do *Pneuma Divino* é mais acentuado quando não somente o “Espírito está reduzido à condição de palavra, mas Ele escolheu como portadores dessa palavra as pessoas menos dotadas de eloquência. Para o apóstolo, a palavra nem sequer está revestida da cultura ou da eloquência, mas antes entregue a pessoas totalmente comuns, desprestigiadas da “sabedoria” humana (1Cor 1, 26-28).

É justamente nas palavras paulinas “da fraqueza de Deus” que Comblin encontra uma fórmula condensada de *kenosis* do *Pneuma*, pois é nessa fraqueza que o poder do *Pneuma* se manifesta (1Cor 1, 25).³⁰¹ Um paradoxo, segundo Comblin, da simultaneidade de dois anúncios do *Pneuma*: sua vinda ao mundo é, assim como o foi o advento de Jesus, a manifestação da fraqueza de Deus. “De um lado o anúncio de que veio o Espírito, a plenitude dos dons divinos que é o dom dos últimos tempos, o poder último de Deus. Por outro lado, o anúncio da fraqueza desse mesmo Espírito.”³⁰²

Comblin afirma ser este paradoxo um ponto de partida para a compreensão da essência do *Pneuma Divino*, pois a loucura da sabedoria divina e da fraqueza de Deus contém a realidade do Espírito.³⁰³

O poder na fraqueza, próprio do *Pneuma Divino*, não constitui uma força destinada a reforçar a afirmação de um “eu”, nem uma barreira ou uma resistência para reprimir outras vontades do “eu”, nem oferecer-lhe possibilidades de ser ou expandir-se, pois o Espírito de Deus não precisa defender-se. Nada pode ameaçá-Lo. Antes, esse poder na fraqueza é a capacidade de criar o ser, de fazer com que surjam realidades novas, construindo sem destruir nada, criando liberdade sem

³⁰⁰ Cf. COMBLIN, José. *O Espírito de Vida*, p. 416.

³⁰¹ Cf. *Ibidem*, p. 418.

³⁰² *Ibidem*, p. 419.

³⁰³ Cf. *Assim como na cruz Deus dá a conhecer o que Ele é realmente em si próprio, assim também sucede na loucura da sabedoria do Espírito e na “Kenosis” do Espírito na história.* Cf. *Idem*.

reprimir outras liberdades: não é poder para lutar, mas somente para ser, existir e manter o ser.³⁰⁴

Segundo Comblin, é na *kenosis* que o *Pneuma Divino* manifesta sua natureza: totalmente paciente, sem limites, que não se opõe aos poderes, não mede forças, não destrói, pois é poder de vida, que a vida é mais forte que a morte e que a vida não precisa se impor, nem matar, nem destruir para vencer, nem vencer na história para vencer realmente. É um poder que gera, como dissemos, ser, liberdade, um poder sobre as energias que constroem.³⁰⁵

O *Pneuma Divino*, ao entrar no mundo, mantém e faz a sua transcendência: não se transforma num dos poderes carnis: não se torna riqueza, nem força armada, nem cultura ou ciência, nem autoridade política.

O Espírito habita no meio dessas realidades mantendo a sua realidade própria e transcendente: o poder de fazer vida, amor e liberdade e o de construir; não usa os poderes deste mundo; expõe-se a eles todos; entrega-se a eles todos. O poder do Espírito sabe conseguir que os demais poderes se limitem a si próprios e sabe esperar até que o façam. Não é poder para impor, mas para que os outros se limitem a si próprios e abandonem a sua condição de poder de afirmação, dominação e repressão.³⁰⁶

O primeiro efeito do poder do *Pneuma Divino* é a vida. Comblin chega a esta conclusão argumentando que o *Pneuma Divino* é poder de fazer vida, aumentar vida, pois Ele é fonte de vida. Como já o afirmamos no primeiro capítulo deste trabalho, o “poder do Espírito tem por efeito buscar e descobrir a vida em todas as partes, salvar e levantar a vida onde ela está ameaçada ou destruída ou marginalizada.”³⁰⁷

Para Comblin, o *Pneuma Divino* vai ao encontro da mecha ainda fumegante, da vida que pode ressurgir, que ainda não morreu. É abertura a todo ser vivente para salvar toda vida, para envolver toda a realidade, tudo o que estava perdido num movimento de renovação de vida.

Como o Espírito é uma circulação de vida que invade o mundo, não há pecador, não há ladrão, não há malfeitor, não há miserável que não possa ser restaurado: a vida escondida nele pode viver de novo. O Espírito tem esse poder, pois Ele não

³⁰⁴ Cf. COMBLIN, José. *O Espírito de Vida*, p. 420.

³⁰⁵ Cf. *Ibidem*, pp. 420-421.

³⁰⁶ *Idem*.

³⁰⁷ *Ibidem*, p. 422.

condena, não exclui, não rejeita: abre-se perigosamente para todos numa paciência radical.³⁰⁸

Abertura perigosa do *Pneuma Divino*, pois Ele se expõe à repressão dos poderes ameaçados pela exuberância de vida que emana de todas as partes:

Se os coxos, os parálíticos, os miseráveis estão convidados ao banquete, os outros sentem-se ameaçados. Se as prostitutas puderem aproximar-se de Jesus, a gente boa sente-se preocupada. Se os pobres e miseráveis podem levantar a voz e começar a viver, os poderosos sentem que os seus privilégios poderiam ser discutidos ou limitados. Reagem pela repressão. Contudo, o Espírito é uma força de vida que nada pode conter, nem a vontade de morte dos poderes.³⁰⁹

Comblin, recorrendo ao NT, convence-se de que esse poder de vida não pode ser limitado nem mesmo pelo martírio, como no caso do primeiro mártir Estevão (At 7, 55), de Paulo (Fl 4, 3) e de João (Jo 15, 11). Bastam estas citações para demonstrar que o poder do Espírito torna-se mais manifesto justamente no momento em que todos os demais poderes desapareceram ou se voltaram contra as testemunhas.

Nesse momento é que o discípulo se sente unido a todas as criaturas, numa abertura completa e disposto a suscitar vida em todas. Nesse momento deixa de querer as coisas e as pessoas para si próprios e em função de si, para querer somente que existam e existam sem limite. Deixa de temer e de defender-se contra os outros. Abre-se num olhar verdadeiro para todas as criaturas.³¹⁰

Nesse sentido, o mundo é o campo aberto em que o Espírito suscita vida.

Por tudo que dissertamos sobre o *Pneuma Divino* como expressão do Deus da Vida, nomeando-O como Espírito de Vida, podemos dizer que, numa leitura pneumatológica de chave libertadora, como é o caso de Comblin, o Espírito é Libertador e, enquanto tal, se manifesta na ação, irrompendo libertação e transformação para produzir vida.

Para Comblin, tanto o Filho quanto o Espírito Santo são manifestações do Pai de quem procedem, e nem o Filho, nem o Espírito Santo são essencialmente distintos do Pai, embora sejam Pessoas os Três, no sentido definido pelos Concílios. Contudo, o Filho e o Espírito Santo manifestaram-se nesse nosso

³⁰⁸ COMBLIN, José. *O Espírito de Vida*, p. 423.

³⁰⁹ Ibidem, p. 424.

³¹⁰ Ibidem, p. 425.

mundo, e pelas suas manifestações podemos pressentir alguma coisa da sua realidade de Pessoas Divinas, ainda que seja de maneira analógica.³¹¹

3.4. A manifestação do *Pneuma Divino* na vida do mundo

Comblin afirma que em sua pneumatologia a intenção é procurar sondar o que faz o Espírito Santo no mundo, sabendo o que está produzindo na Terra e por onde está agindo. “Não se trata apenas da ação do Espírito Santo pela Igreja ou pelos cristãos, mas por todos os que pertencem ao imenso contingente do Povo de Deus.”³¹²

Comblin está convicto de que o *Espírito de Vida* está presente no mundo inteiro, dirigindo seu agir da mesma maneira em todos. Partindo desta premissa, focalizaremos tão somente, nesta seção, o que o pensamento teológico, ao longo dos séculos, concebeu e expressou sobre o Espírito, dentro da categoria de vida, onde e quando nosso autor encontrou argumentos para conceituar o Espírito como Vida. Mas antes, desejamos acenar para aquilo que se configurou como pensamento pneumatológico, no registro da libertação.

Para mostrar as manifestações divinas, Comblin utiliza-se das figuras de Santo Irineu, as “duas mãos do Pai”, que explicitaremos a seguir.

3.4.1. As “Duas Mãos” do Pai

Amparando-se na expressão de Santo Irineu, que afirma que o Pai age pelas suas “duas mãos”, ou seja, o Filho e o Espírito Santo, nosso autor desenvolve sua reflexão focando nessas duas fontes da Revelação de Deus. Com muita propriedade, Comblin nomeia essas duas fontes como as “duas mãos” de Deus, iguais em força e valor, embora distintas entre si, que agem em conjunto,

³¹¹ Cf. COMBLIN, José. *O Espírito de Vida*, p. 425.

³¹² Id. *A vida em busca da liberdade*, p. 7.

produzindo cada uma operações diferentes, mas complementares, buscando um e mesmo resultado.³¹³

Para Comblin, existe esta dupla dimensão da ação de Deus, e a sustenta fundamentando-se na Teologia Cristã Oriental, que conservou, paralelamente à missão do *Verbo*, a importância da missão do *Pneuma Divino*.

Estas duas missões se completam e se iluminam mutuamente, impedindo, deste modo, que por si próprias, nenhuma das duas constitui a totalidade da ação do Pai. Diferentes sim, mas complementares.

Para afirmar isso, Comblin encontra nas Escrituras, sobretudo no NT, como as primeiras comunidades perceberam esses dois modos distintos da ação de Deus. Segundo nosso autor, o próprio NT apresenta uma estrutura fundamental que distingue paralelamente as duas missões. Os Evangelhos elucidam dois anúncios: a vinda do Filho e a vinda do Espírito Santo, ambos formando uma só totalidade articulada porque tanto o Filho quanto o Espírito foram enviados pelo Pai.³¹⁴

A primeira articulação feita pelo nosso teólogo, que constitui um elemento sustentável de sua tese, está presente nos dois significados da expressão de Mc 1, 1: “Evangelho de Jesus Cristo”. Nesta expressão *marquiana* há um duplo sentido, ou seja, Evangelho proclamado por Jesus Cristo e Evangelho de Jesus Cristo, de onde Comblin conclui que os dois objetivos do Cristianismo são definidos e derivados desta expressão: no discurso cristão está presente o anúncio da vinda de Cristo e o Reino anunciado por Ele.³¹⁵

Fundamentando-se em At 1, 3, Comblin admite que Lucas é quem explicita melhor e claramente que a realização do Reino de Deus é missão do Espírito Santo. Neste texto de Lucas, que é concluído com o versículo 7, Jesus aparece após a Ressurreição aos Apóstolos, falando-lhes sobre o Reino de Deus e o anúncio do Espírito: “sereis batizados no Espírito Santo” (At 1, 5).³¹⁶

Após o versículo 7, há uma explícita equivalência entre Reino de Deus e Espírito Santo, donde é fácil para Comblin concluir que em Lucas há uma acentuada explicitação sobre a estrutura binária da mensagem cristã, pois na sua

³¹³ Cf. LYON, Irineu de. *Adversus haereses*, 4,7,4; cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 178; cf. Id. *O tempo da ação*, pp. 21s.

³¹⁴ Cf. COMBLIN, José. *A missão do Espírito Santo*, p. 297.

³¹⁵ Cf. Idem.

³¹⁶ Cf. SANTOS. José Arnaldo Juliano. *O Espírito Santo*, p. 18.

primeira parte o evangelista expõe a história do *Verbo* Encarnado, e na segunda parte, pelo menos no começo, a história do Espírito.³¹⁷

Para Comblin, ainda no contexto do NT, Paulo foi quem melhor soube perceber que a morte de Jesus não foi o fim da Salvação e sim o começo de uma nova história. “O objeto do Evangelho é o Espírito. Ao afirmar que o ‘Senhor é Espírito’ (2Cor 3, 17), Paulo quer dizer que a novidade que Jesus traz é o Espírito, a idade do Espírito.”³¹⁸

Mas é o Evangelho de João, para Comblin, o que melhor explicita o paralelismo das duas missões, anunciando que Jesus veio, mas que é necessário sua saída de cena para que o Espírito venha. Na linguagem de Comblin, João anuncia que o Pai enviou ao mundo, para serem testemunhas de Sua obra, dois “Advogados”, suscitando, assim, duas missões, cuja transição deu-se no evento pascal (Jo 14, 15-26; 16, 5-15).³¹⁹

A primeira diferenciação entre a missão do Cristo e a do *Pneuma Divino*, conforme nosso autor, encontra-se justamente na caracterização da missão do Espírito: Ele age na multiplicidade e diversidade. O *Verbo*, por sua vez, assumiu um só indivíduo humano, localizado num tempo específico e num lugar determinado, onde e quando a sua missão suprime a personalidade própria de um único homem, dando-lhe a própria pessoa do Filho de Deus.

Diversamente, o *Pneuma Divino* não se encarna num indivíduo e não está ligado a um ponto determinado, mas antes é enviado a todos os países do mundo em todos os tempos, fazendo-se presente em toda a humanidade e agindo em todos os seres humanos, independentemente de suas culturas, classes e religiões.

Comblin está convencido de que o Espírito habita nesta multiplicidade, assumindo a diversidade, onde e a partir da qual, cria um movimento de comunhão e convergência. “O Espírito vem para que os homens apareçam, para que se manifestem as obras deles, ou as obras do Pai nos discípulos.” Deste modo, “a pretensão do Espírito é esconder-se por trás da atuação dos homens cujas personalidades ele dinamiza.”³²⁰

³¹⁷ Cf. COMBLIN, José. *A missão do Espírito Santo*, pp. 298-299.

³¹⁸ Ibidem, p. 300.

³¹⁹ Cf. Idem.

³²⁰ Ibidem, p. 178.

Um segundo elemento que caracteriza a diversidade das duas missões é sinalizado por Comblin pelo meio assumido e por onde agem diversificadamente o *Verbo* e o *Pneuma*:

O Espírito age em meio à imperfeição dos homens, enquanto que o Filho, ao encarnar-se num indivíduo humano, forma um homem perfeito que ultrapassa infinitamente todos os demais seres humanos. O Espírito Santo existe na imperfeição de inúmeros indivíduos que caminham para a luz no meio das trevas e buscam uma libertação no meio do pecado que os prende. O Espírito Santo produz um imenso movimento de comunhão e convergência de uma humanidade pecadora, corrupta e vítima do mal.³²¹

Já o Filho, como o mostramos, encarna-se num só homem, que por si é presença do fim deste movimento, antecipando o advento da humanidade nova para a qual caminha a multidão conduzida pelo Espírito Santo.³²²

O “escondimento” do Espírito Santo em Sua ação é um terceiro elemento que diferencia sua missão da missão do *Verbo*. O Filho se faz presente de forma transparente através dos gestos de Jesus, fazendo coincidir a presença da pessoa divina e as manifestações humanas.

O *Verbo* assumiu feições tangíveis e reconhecíveis por aqueles que se fizeram discípulos do homem Jesus. Pelo contrário, esses mesmos discípulos não têm nunca o sentimento da presença do Espírito, como diz Comblin, numa forma clara, pois Ele emerge desde dentro, num movimento oriundo das profundezas da personalidade. Por outro lado, continua Comblin, no momento de sua ação, sabe-se que Ele age, mas que sua ação não é percebida de imediato, pois ela mistura-se à ação humana, para que seja produzida conjuntamente uma só manifestação histórica.³²³

Por fim, Comblin apresenta o seu último argumento que revela a diferença entre as “duas missões”: espaço e tempo. O *Verbo* deu-se a conhecer dentro de uma evolução muito breve e o Espírito continua ao longo de uma evolução demasiadamente lenta, cujas manifestações, sempre novas e imprevistas, seguem aparecendo ao longo da história da humanidade.³²⁴

³²¹ COMBLIN, José. *A missão do Espírito Santo*, p. 179.

³²² Cf. Idem.

³²³ Cf. Ibidem, p. 302.

³²⁴ Cf. Ibidem, p. 303.

São evidentes para Comblin as diferenças que caracterizam cada uma das missões divinas, mas não resulta para ele que essas diferenças sejam divergentes, isoladas, mas antes convergentes, complementares, como dois princípios que se interpenetram, pois revelam uma ação conjunta do *Verbo* e do *Pneuma* que produz uma só obra, o Reino de Deus.³²⁵

Comblin explica e justifica essa complementariedade, demonstrando, através das etapas da vinda do Espírito Santo em Jesus, como único objetivo a envolver as duas missões.³²⁶ Estas etapas são reconhecidas pelo nosso autor em dois momentos do NT, na experiência de envio. No primeiro envio, O Espírito é enviado pelo Pai para anunciar a Maria a vinda do *Verbo* e, no segundo, após a Ressurreição, o próprio Filho/Verbo, glorificado, envia o Espírito aos homens.³²⁷

Neste primeiro momento, Cristo é a Pessoa principal, mas totalmente submisso ao Espírito Santo, pois Ele não veio para fazer a sua vontade, mas sim a vontade de quem O enviou, e essa vontade foi comunicada pelo Espírito. Já no segundo momento, a Pessoa principal é o Espírito, mas, por sua vez, subordinado totalmente ao Filho, pois o “Espírito não há de falar por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido... Ele receberá do que é meu para vos anunciar” (Jo 16, 13s).³²⁸

Neste sentido, Comblin explica que Jesus remete os apóstolos ao Espírito Santo e à atuação dele, pois Ele não recebeu a missão de realizar por si só o que promete. A profundidade de sua missão é orientar os discípulos para a ação do Espírito Santo. Por outro lado, o Espírito não tem outra preocupação a não ser o próprio Jesus.

A preocupação do nosso autor é evidenciar que Cristo e Espírito Santo constituem, juntos, uma só obra, que é a construção do Reino de Deus. Para sustentar essa evidência, Comblin recorre à Epístola de São Paulo aos Efésios, onde encontramos uma primeira explicitação da colaboração do Filho e do Espírito: “É nele (em Cristo) que vós... fostes assinalados com a marca do Espírito Santo” (Ef 1, 13) e que por “Ele é que uns e outros temos acesso ao Pai, num só Espírito” (Ef 2, 17). Assim, a conclusão de Comblin é a de que Cristo e o Espírito

³²⁵ Cf. COMBLIN, José. *A missão do Espírito Santo*, p. 303.

³²⁶ Cf. *Ibidem*, p. 183.

³²⁷ Cf. *Ibidem*, pp. 304-305.

³²⁸ Cf. *Idem*.

Santo não realizam obras paralelas, pois ambos são as “Duas Mãos” do Pai trabalhando numa só obra.³²⁹

3.4.2. Presença e missão do *Pneuma* no mundo

Para Comblin, o Espírito entra na história deste mundo enviado pelo Pai e por Jesus Ressuscitado, como segunda missão que completa a missão do Filho, atualizando a vinda da Palavra de Deus e tornando-a presente no meio dos processos e movimentos das sociedades humanas.

O Espírito atualizou a presença da Palavra de Deus no Império Romano e nas sociedades vizinhas, na cristandade em toda a sua extensão, sofrendo o contrapeso histórico dos seus limites. Atualizou também a Palavra nas nações modernas e no nosso mundo contemporâneo, em que todas as civilizações se acham de repente em contato, ainda que não mantenham por enquanto verdadeiro diálogo.³³⁰

O Espírito Santo foi enviado ao Povo de Deus, em formação, que existe em vista do mundo; por isso, o Espírito Santo é enviado ao mundo inteiro para realizar uma “nova criação”, donde sua ação na Igreja, no mundo está subordinada ao fim da nova criação. Neste sentido, Comblin explicita sua teologia da única ação do Espírito de Vida no mundo a partir de duas categorias: a nova criação e Sua presença através da história.

O grande aspecto da realidade fundada pelo Espírito é a sua ação rumo à renovação da humanidade e que esta ação já manifesta sinais visíveis na história. Para Comblin, devemos estudar a ação do Espírito a partir desta ação vivida na história, mas nunca a partir de ideias ou sistemas de ideias a respeito da história. Mas da realidade prática vivida no decorrer dos séculos e no momento atual. É o que nosso autor chama de busca de compreensão cristã da história.

Neste sentido nossas ações não são isoladas. Situam-se numa história. São feitas pela história e fazem a história, seja a de cada indivíduo, seja da coletividade humana.³³¹ Por outro lado, “se o Espírito está na origem das ações

³²⁹ Cf. COMBLIN, José. *A missão do Espírito Santo*, p. 306.

³³⁰ Id. *O Espírito Santo no mundo*, p. 87.

³³¹ Cf. Id. *O Tempo da ação*, p. 66.

humanas, Ele entra também na história, desempenhando um papel que O torna transformador desta história.”³³²

O Espírito, nas palavras de Comblin, constrói o Povo de Deus, preparando o caminho para o advento final do Reino de Deus, e, neste sentido, acompanhando a evolução da humanidade, para infundir nela um “suplemento de alma.”³³³

A compreensão de Comblin sobre o significado da presença do Espírito Santo na Igreja parte justamente de seu entendimento do termo “habitação”, corrigido e separado de sua semântica comum, que ele sugere ser influenciada pela sociedade capitalista e seus critérios. Segundo esta compreensão, “habitação” se confunde com “propriedade”, e neste sentido, “quem reside ou habita uma casa é dono dela, o centro dela.”³³⁴

Assim, conforme Comblin, o Espírito mostra, na história, como Ele a julga, e é por isso que esta história do Espírito vem fazer parte integrante da concepção cristã de história,³³⁵ que pode ser resumida em duas palavras: “aceitar a história e transformá-la.”³³⁶

Ao desenvolver a concepção cristã de história, Comblin insiste que a história é feita de fatos brutos que é preciso aceitar; no entanto, esta mesma história deve passar por um discernimento, pois ela possui um rumo que nem sempre é o desígnio de Deus.³³⁷

A missão do Espírito Santo é justamente de fazer aceitar a história como um fato: ela não é boa, é ambígua, mas é um desafio. Temos que agir nesta história, num lugar único definido por ela e não num contexto escolhido por nós, segundo nossos anseios. É na ambiguidade da história que o Espírito mostra os caminhos da ação.

Por outro lado, aceitar a realidade é também aceitar todas as forças da redenção que existem nela e que dela despontam, donde podemos concluir que não somos chamados a fazer uma outra história, mas a salvar esta que está em curso a partir da redenção que também está na ação.³³⁸

Aceitar a história é, portanto, penetrar na realidade ambígua desta mesma

³³² COMBLIN, José. *O Tempo da ação*, p. 66.

³³³ Id. *O Espírito Santo no mundo*, p. 87.

³³⁴ Id. *O Tempo da ação*, pp. 35-39.

³³⁵ Cf. *Ibidem*, p. 68.

³³⁶ *Ibidem*, p. 68.

³³⁷ Cf. *Ibidem*, pp. 69-74.

³³⁸ Cf. *Ibidem*, p. 70.

história e abrir-se ao Espírito, a fim de que Ele possa perceber os caminhos de transformação que se deve seguir. Nesta linha, o papel do Espírito, nesta penetração da realidade objetiva, não se manifesta no sentido de fazer compreender a história através das ciências, ou através de um processo puramente intelectual, mas, antes, fazer com que tudo se volte para o seu objeto real, que é o ser humano. É deste modo que o Espírito transforma a história,³³⁹ nunca propondo outros movimentos históricos além daqueles que a história já vive, pois o Espírito os aceita e reconhece seu valor positivo, mas, no entanto, penetrando no interior desses movimentos históricos, para modificá-los.³⁴⁰

O sentido referencial da história, que demonstra a manifestação do Espírito que age nos homens para fazer história, é indicado por Comblin na figura dos pobres: é na ação dos empobrecidos que o Espírito manifesta sua ação, pois Ele não age através da dominação e da imposição, conduzindo a história como uma força dominadora, imprimindo sua vontade, mas respeitando e promovendo a liberdade dos homens.³⁴¹

Por isso, insiste Comblin, o Espírito introduz na história um elemento novo: “Ele age por meio dos pobres e fracos, por meio das vítimas e dos oprimidos. Ele é a força histórica dos pobres;”³⁴² Ele é Libertador, e os sinais desta ação são identificados através da palavra, do testemunho, da comunhão e da constância dos pobres.³⁴³

Assim, o grande sinal da presença do Espírito na história é quando os pobres desunidos e desorganizados que não têm história e que são manipulados pelos poderosos, começam a existir, fazendo história.

O Espírito Santo suscita, debaixo da história feita pelos poderes deste mundo, outra história, a história da ascensão do povo dos pobres, pois ao agir na história manifesta-se como força histórica dos pobres, gerando liberdade, comunhão do povo, vida e valorização daqueles que os sistemas hodiernos da sociedade desprezam. Não uma história paralela, como dissemos, mas uma transformação na própria história. Nesta transformação os Frutos da ação do *Pneuma Divino* na história dos empobrecidos são, como o demonstramos no

³³⁹ Cf. COMBLIN, José. *O Tempo da ação*, p. 75.

³⁴⁰ Cf. *Ibidem*, p. 76.

³⁴¹ Cf. *Ibidem*, p. 74.

³⁴² Id. *O Espírito Santo e sua missão*. Op. cit., p. 340.

³⁴³ Cf. *Idem*.

primeiro capítulo deste trabalho, a liberdade, palavra, comunidade, povo, convergindo para o mesmo fim, a vida.

3.4.3. O *Pneuma Divino* e a libertação

Chegamos ao final deste segundo capítulo ainda com uma palavra a ser dita sobre a relação do *Pneuma Divino* e o processo de libertação, uma vez que a obra de base desta pesquisa é chamada pelo autor, como já dissemos na primeira parte, o “Espírito Santo e a libertação”.

A primeira experiência que os homens fazem de Deus, segundo o testemunho escriturístico, é a experiência de uma imensa libertação para a vida. Aqueles que são chamados pela Palavra de Deus e de quem o Espírito de Deus toma posse, experimentam libertações em diferentes domínios de sua vida. Interiormente a sua energia vital se liberta dos bloqueios da culpa e da melancolia da morte, exteriormente quebram-se os grilhões das opressões econômicas, políticas e culturais. Interiormente surge uma nova vida, exteriormente novos espaços vitais são abertos.³⁴⁴

É mérito da Conferência de Puebla haver situado o Espírito segundo a perspectiva libertadora, sem negar, no entanto a possibilidade e importância carismática. É no Espírito, que por meio de sua ação vivificante conduziu a Igreja Latino-americana, em sintonia com Medellín, a uma ‘clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres’ (DP 1134). Mérito maior foi o de haver situado esta ação libertadora no horizonte trinitário, segundo a fórmula comunhão e participação, cuja chave de unificação foi considerada de caráter pneumatológico (DP 166).³⁴⁵

Comblin entende a libertação como um caminho novo, uma vida nova, mas não como estado final e antes uma longa viagem de toda a vida e de toda a história da humanidade. Deste modo, libertação é um movimento nunca acabado, nunca definitivo, pois a vida nova não tem seu centro em si mesma. Não é a vida de um indivíduo que tende a salvar-se, preservar-se ou afirmar-se sozinho,

³⁴⁴ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida*, p. 101.

³⁴⁵ Cf. MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e Mariologia*, p. 252.

considerando Deus e os outros como rivais, inimigos. Não é uma vida de defesa de si mesmo, mas é uma vida aberta e totalmente entregue.³⁴⁶

É neste caminho longo para a vida nova que nosso autor encontra a conexão de comunhão e relação entre a humanidade e as Pessoas Divinas, pois para ele Deus penetra nesta nossa vida, vivendo-a e assumindo-a. Neste sentido, a nossa vida já é, de per si, aceitar a vida de Deus na sua comunhão intra-trinitária, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.³⁴⁷

Aceitar a vida de Deus é abrir-se à vontade do próprio Deus para que Ele faça o que quer fazer por meio de nós, pois podemos dizer que já não vivemos, mas as Pessoas Divinas é que vivem em nós e por meio de nós.³⁴⁸

Esta vida nova somente é movida pela força de Deus para a libertação de toda a humanidade. É no caminho da vida nova que Deus se revela com toda a sua intensidade. O Espírito nos leva a Jesus Cristo, centro da história e modelo do homem intimamente ligado ao Criador, que por sua vez leva a humanidade a Deus.

Segundo Comblin, “libertação” aparece nas Escrituras traduzida por “salvação”, “Reino de Deus”, “vida”, “homem novo”. São variadas expressões que significam o mesmo processo, o mesmo movimento da união da ação de Deus e ação dos homens.³⁴⁹

Quando os homens se libertam de modo mais pessoal, mais autêntico, mais adequado a eles, é sinal de que Deus está agindo. É uma só realidade: ação de Deus e dos homens na libertação.³⁵⁰

A libertação é um movimento que existe realmente no meio dos homens, mas não chama atenção, pois é o que acontece no meio dos pobres. Da verdadeira libertação se fala pouco nos meios de comunicação, ou antes se fala como se fosse subversão, desordem, falta de religião. A libertação não está onde se fala dela, pois muitos falam e não agem. A libertação está onde se age contra o mal e suas estruturas.³⁵¹

A libertação não se limita à libertação da morte na vida eterna, no fim da vida, mas antes começa nesta vida, neste mundo, e ninguém pode esperar

³⁴⁶ Cf. COMBLIN, José. *O Espírito e sua missão*, p. 126.

³⁴⁷ Cf. Idem.

³⁴⁸ Cf. Idem.

³⁴⁹ Cf. Ibidem, p. 104.

³⁵⁰ Cf. Idem.

³⁵¹ Cf. Ibidem, p. 105.

participar da libertação final, se não tiver comprometido com a libertação durante a vida. Esta libertação tem por objeto a totalidade do homem e do mundo, pois o próprio mundo material está contaminado pelo pecado humano.³⁵²

A libertação destrói e constrói. Destrói o mal em todas as suas formas, morte, dominação e exploração, injustiças e ofensas. Destrói as relações sociais baseadas na dominação de uns sobre os outros. Destrói as estruturas que quase obrigam o ser humano a manter as relações de pecado, e assim, obrigam a pecar.³⁵³

Na mesma linha, a libertação constrói tudo o que é vida, inventa as relações sociais de fraternidade e de serviço mútuo, edifica novas estruturas na sociedade e no mundo. A libertação é luta, porque muitos adversários se opõem a ela. Cada um de nós já tem em si mesmo um inimigo da libertação. Esta luta começa dentro de nós mesmos, contra o medo, a covardia, o egoísmo, a preguiça e a indiferença, pois cada um de nós traz dentro de si um dominador, um opressor dos fracos.³⁵⁴

Depois, a libertação é luta contra os que dominam, exploram e submetem à injustiça, defendendo privilégios e egoísmo. Essa luta não busca a morte, mas a conversão dos malfeitores.

Libertação, ainda, é luta para mudar as estruturas injustas do pecado. Esta mudança vem através do chamado, da pressão social, do exemplo, da ação política em todas as suas formas.

É bom lembrar que a luta pela libertação não usa as armas do pecado: não usa a morte, a ferida, a violência física ou moral, não usa a corrupção pelo dinheiro nem pela mentira. Usa as mesmas armas usadas por Jesus: a denúncia profética, o anúncio de um Reino Novo, a mobilização do Povo de Deus para protestar, pedir e realizar. A aplicação desses meios depende da evolução histórica.³⁵⁵

A libertação é obra do *Pneuma Divino*: Ele move a ação dos homens, guiando e orientando o uso, a transformação e a invenção dos recursos materiais e intelectuais, as técnicas e as ciências, a organização e a promoção histórica dos meios de ação oferecidos no mundo.³⁵⁶ Todavia, o *Pneuma Divino* não opera a

³⁵² Cf. COMBLIN, José. *O Espírito e sua missão*, p. 126.

³⁵³ Cf. Idem.

³⁵⁴ Cf. Ibidem, p. 105.

³⁵⁵ Cf. Ibidem, p. 106.

³⁵⁶ Cf. Idem.

libertação somente por meio dos cristãos que se dizem cristãos. O que vale, segundo Comblin, é o fazer e não o dizer. Muitos crêem que não são cristãos e, na realidade, o são, movidos pelo Espírito, pois aquele que luta pela vida, todo aquele que luta realmente contra a morte e o mal, contra a opressão e a humilhação dos pobres, vem do Espírito e pertence ao Reino de Deus.³⁵⁷

O conjunto do processo de libertação da humanidade em cada pessoa e em sua totalidade é a manifestação do *Pneuma Divino*. Por isso, podemos de certo modo condensar o movimento de libertação numa contemplação do *Pneuma Divino*. Sendo, portanto, a libertação da humanidade face visível da missão do *Pneuma Divino* e resultado desta missão. É através dela que podemos entender que realmente Deus está presente na história dos homens e que age na transformação da humanidade, no sentido de sua caminhada do pecado para a comunidade dos filhos de Deus e irmãos de Jesus Cristo.³⁵⁸

A experiência do Espírito é um verdadeiro impulso de transformação, pois sua ação se manifesta na renovação do ser humano e da sociedade (DP 84.109). O Espírito vivifica, garantindo os processos de vida e libertação, e seu ápice é a vivência do amor e da caridade. Evidencia-se, assim, que o agir do Espírito na história converge toda *praxis*, cujo sentido é garantir a verdade e a vida, o amor e a liberdade (DP 202-204, 967-970).

3.5. Conclusão parcial

Tendo feito um rápido percurso pela história, apenas indicando, aqui e ali elementos que ajudam a nomear o Espírito como vida no processo de libertação, podemos concluir, ao final deste capítulo, que o *Pneuma Divino* é vida e libertação para a vida. Este é o esforço de José Comblin, ao explicitar sua pneumatologia a partir da experiência concreta das comunidades empobrecidas latino-americanas, ou seja, a experiência de vida, trabalhada no primeiro capítulo, que constrói a teologia, e esta, como reflexão de fé, que ilumina a vida.

Assim como a consciência do Deus Criador dá-se primeiramente na experiência de libertação, operada pelo agir de Deus na história do seu Povo

³⁵⁷ Cf. COMBLIN, José. *O Espírito e sua missão*, p. 107.

³⁵⁸ *Ibidem*, p. 327.

eleito, a consciência do Espírito de Vida, Espírito que é vida, princípio, sopro e força para gerar, manter, defender, proteger a vida, é, antes, experiência de vida nova, libertada, tão presente na vida de fé do Povo Latino-americano.

Muita rica e profunda é a história da teologia do Espírito. Aqui preferimos apenas colher, durante todo o processo, alguns elementos do pensamento teológico que auxiliam na nomeação do *Pneuma Divino* como manifestação de vida e libertação.

Embora o Espírito Santo, dado pelo Pai e pelo Filho, tenha sido reconhecido e proclamado como a Terceira Pessoa da Trindade na doutrina cristã, sofreu em toda a teologia um certo distanciamento e esquecimento, ora por razão do mesmo Espírito, que é discreto e age pedagogicamente conforme a história, ora pela própria Igreja, que centrou sua teologia na Pessoa do Filho.

Na América Latina, a TdL, ainda que, influenciada pela teologia européia, tenha privilegiado o Cristo no processo libertador dos pobres e excluídos, abriu espaço para uma pneumatologia da libertação.

Para José Comblin, esse Espírito de Vida da reflexão teológica, ou inteligência da fé, é o Espírito experimentado pelas comunidades cristãs empobrecidas do nosso Continente Latino-americano, que anseiam por Vida Nova, libertação, Vida segundo o Espírito.